

Rádios Comunitárias

Manual Temático

Grupo Editorial de Agricultura

Preparado por FARUCO SADIQUE

Projecto de Desenvolvimento dos Media UNESCO/PNUD MOZ 01003
Novembro 2003



MANUAL TEMÁTICO
GRUPO EDITORIAL DE AGRICULTURA

Compilado por FARUCO SADIQUE

Materiais consultados:

- Ø Grupos editoriais: conceitos e funcionamento, *Abubacar Selemangy*
- Ø Introdução à agricultura: textos de apoio, *Ricardo Sebastião Choca*
- Ø Situação agrícola de Moçambique, textos de apoio, *Ravy Amad Serra*
- Ø A importância de divulgação de informação de mercado através das rádios comunitárias, *Alexander Schalke*
- Ø A perspectiva de género na campanha terra: educação cívica, formação e advocacia, *Ana Maria Loforte*

Layout: Rogério Raimundo Xerinda

Ilustrações: Júlio R. Xerinda

© UNESCO/UNDP 2003



ÍNDICE

Prefácio	5
Introdução	7
Capítulo 1 - Estamos numa rádio comunitária	9
Capítulo 2 - ...E fazemos parte de um grupo editorial	13
Capítulo 3 - O que podemos produzir no grupo editorial	17
A grelha de programas	17
A participação nos blocos noticiosos	18
A ligação ao vivo com a comunidade	21
Capítulo 4 - O nosso trabalho na área editorial	23
Capítulo 5 - Passos para a produção de programas	27
Capítulo 6 - Vamos juntos produzir um programa	41
Capítulo 7 - Noções básicas de agricultura	47
Situação agrícola de Moçambique	48
Conhecer o solo	49
A erosão	51
Aubos	52
Operações do ciclo de cultivo	52
Principais pragas em Moçambique	55
Produtos florestais	56
Actividade pecuária	57
As queimadas	57
A mulher e a produção agrícola	58



O direito costumeiro e a terra	59
Influência do HIV/Sida na agricultura	60
Comercialização agrícola	61
Anexo 1 - Exemplo de um guião	65
Anexo 2 - Guia para mobilizadores	69



PREFÁCIO

A Rádio Comunitária é uma das forças locais para o desenvolvimento. Ela tem uma fantástica capacidade como meio de comunicação social e como facilitadora de comunicação de poucas pessoas para muitas. Uma vez instalada e a Rádio já a emitir, os produtores de programas podem, instantânea e facilmente, estar em contacto com os ouvintes – com a comunidade. Quaisquer informações podem, igualmente, ser recebidas nos receptores da comunidade.

Para além destas características gerais, reais para qualquer tipo de Rádio, seja ela pública ou local, comercial ou de um grupo de interesse específico (a religiosa, por exemplo), a Rádio Comunitária tem a condição específica e rara de pertencer a um grupo populacional limitado: não de um país, de uma província, mas de uma pequena comunidade, onde as condições básicas de vida e os seus desafios são mais ou menos iguais.

Dentro de tal comunidade, muitos aspectos são comuns e outros são diferentes. Por isso, falámos de “comunidades dentro da comunidade”, porque mesmo a precariedade da estrada de acesso à cidade ou ao distrito, os fracos serviços de saúde, a boa ou má qualidade do solo, entre outros, são situações gerais que afectam a cada um de maneira diferente. Todos fazemos parte, quer para a grande comunidade quer para as pequenas comunidades de interesse. Estas são decididas pela idade, nível de formação, experiência, trabalho, local de residência, religião, situação familiar, etc., etc.

Esta é a razão pela qual a UNESCO em Moçambique apoiou a criação de grupos editoriais para apoiar as Rádios na produção de programas. Os grupos editoriais são constituídos por produtores de programas comunitários, que garantem que os programas reflectam os interesses específicos da comunidade, identificadas através das pesquisas de audiência.

Uma das áreas de interesse específico é a da agricultura. Maior parte da população moçambicana vive da agricultura, que garante o seu sustento. Muitos produzem excedentes e por isso se envolvem na comercialização, para obter algum dinheiro e assim suprir as necessidades da família.

Há muitas formas efectivas de trabalhar na área da agricultura e nós pretendemos usar as Rádios Comunitárias para partilhar estas experiências e publicar as dificuldades, porque é provável que, através destes meios, se possam encontrar algumas soluções.



Tudo isso tem em vista guiar as Rádios Comunitárias da maneira mais efectiva possível. Por conseguinte, os produtores de programas comunitários que fazem parte do grupo editorial da agricultura, nomeadamente agricultores e não agricultores, precisam de identificar a situação, os desafios e os sucessos da agricultura na área onde vivemos.

Os grupos editoriais precisam de saber como é que a Rádio pode efectivamente ser usada para ser um amigo e companheiro verdadeiro e para servir todos os agricultores da comunidade.

O Manual que tem nas mãos foi produzido para apoiar os produtores de programas comunitários neste sector específico: encontrar, passo a passo, dentro do grupo editorial, as melhores formas de assegurar que a Rádio Comunitária seja uma ferramenta efectiva para o desenvolvimento social necessário na comunidade!

Tenha uma leitura agradável!

Maputo, Novembro de 2003

Tomás Vieira Mário
Coordenador Nacional

Birgitte Jallof
Coordenadora Técnica Nacional



INTRODUÇÃO

O manual que tem nas suas mãos é o primeiro de uma série do género, que o Projecto de Desenvolvimento dos Media da UNESCO/PNUD decidiu editar, para apoiar o trabalho dos voluntários membros dos grupos editoriais nas rádios comunitárias.

Este manual é dedicado aos grupos editoriais que produzem os programas de agricultura - e quando se fala de agricultura, fala-se de um vasto leque de assuntos de um sector que em Moçambique é considerado a base para o desenvolvimento do país, como seja a própria actividade de produção agrícola, a comercialização de excedentes agrícolas, as queimadas, as florestas, a pecuária, o desenvolvimento rural em geral.

Pretende-se que este manual seja uma fonte de apoio ao trabalho dos produtores de programas sobre a agricultura nas rádios comunitárias-daí a abordagem de questões como o conceito das rádios comunitárias, o esquema de funcionamento dos grupos editoriais, os passos para a produção de programas radiofónicos (da planificação à avaliação do impacto pós-emissão), a análise da situação das comunidades e a transformação dos seus problemas e êxitos em bons programas de rádio, onde recolher material para a produção de programas e algumas referências à área de trabalho do grupo editorial que é objecto deste manual - a agricultura.

Esperamos, pois, que o estudo (individual ou em grupos) deste manual possa contribuir para a melhoria da qualidade dos programas produzidos pelas rádios comunitárias, em benefício das comunidades, que são a razão de ser da nossa existência.

Bom trabalho!





ESTAMOS NA NOSSA RÁDIO COMUNITÁRIA...

Nós pertencemos a uma grande família: a da nossa rádio comunitária!

Como membros da nossa rádio comunitária, temos responsabilidades acrescidas nas nossas comunidades.

A rádio comunitária é um meio privilegiado de comunicação social.

Numa situação como a de Moçambique, onde a maior parte da população vive em níveis de extrema pobreza e, deste modo, não tem condições para comprar um jornal regularmente ou dispor de um televisor; onde a maior parte da população é analfabeta e, logo, não sabe ler nem falar a língua portuguesa; onde a rede de comunicação é deficiente e, dessa maneira, não permite a ampla distribuição de jornais e revistas pelos distritos, localidades, aldeias... as rádios comunitárias apresentam-se, seguramente, como o meio de comunicação social que mais facilmente pode atingir o público destinatário.

Para além de ser pouco onerosa para o ouvinte - é rara a família que hoje em dia não possua um pequeno receptor ao seu alcance - a rádio tem custos mais baixos em relação aos outros meios de comunicação, tanto no que diz respeito ao custo da compra como da sua manutenção ou reparação.

É este relativamente baixo custo que torna a rádio acessível aos produtores não profissionais, como muitos de nós, que não fazemos da rádio a nossa actividade principal. Muitos dos voluntários que produzem programas nas rádios comunitárias são estudantes, camponeses, professores (...) e fazem rádio nas suas horas livres. Através de todas as formas de participação pública, este meio de comunicação é capaz de oferecer um importante papel de comunicador, principalmente na área da comunicação comunitária.

Em Moçambique têm surgido nos últimos anos várias iniciativas de rádios comunitárias.

Na perspectiva do Projecto de Desenvolvimento dos Media em Moçambique, que opera ao abrigo de um acordo entre o Governo moçambicano e o Fundo das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), a rádio comunitária é aquela que é da comunidade, feita pela comunidade e para a comunidade.

Podemos definir "comunidade" de duas maneiras, basicamente: como um grupo geograficamente baseado e/ou um grupo social ou profissional unido por interesse comuns, mais específicos, dentro da sua região.



Por exemplo, podemos falar de comunidade do ponto de vista geográfico se estivermos a falar dos residentes de Milange, de Homóine ou de Cuamba. Estas são as grandes comunidades às quais nos dirigimos através da rádio.

Dentro dessas grandes comunidades geograficamente localizadas existem pequenas comunidades com interesses comuns ou específicos.

Novo exemplo: dentro da grande comunidade de Milange podemos encontrar pequenas comunidades de pessoas vivendo em bairros diferentes (o bairro 25 de Junho, o bairro 1º de Maio...); pequenas comunidades com interesses religiosos diferentes (os católicos, os muçulmanos, os protestantes...), de diferentes idades (as crianças, os jovens, os adultos, os idosos), de diferentes profissões (os professores, os camponeses, os enfermeiros...), de sexos diferentes (os homens e as mulheres), adeptos de diferentes modalidades desportivas, etc.

Estas serão, então, as pequenas comunidades vivendo dentro da grande comunidade de Milange.

Voltemos às rádios comunitárias: um documento sobre estratégias para o desenvolvimento deste sector em Moçambique (Maputo, 2000) define a rádio comunitária como sendo um serviço de radiodifusão sem fins lucrativos (mas isso não a impede de fazer receitas para a sua sobrevivência), gerido com a participação da comunidade; responde às necessidades da comunidade, serve e contribui para o seu desenvolvimento de uma maneira progressista, promovendo a mudança social, a democratização da comunicação através da participação da comunidade. Essa participação varia de acordo com as condições sociais em que a estação opera.

A finalidade principal de uma rádio comunitária, refere ainda o mesmo documento, é contribuir para o desenvolvimento sócio-económico e cultural da comunidade, promovendo a cultura de paz, a democracia, os direitos humanos, a equidade e o *empowerment* da comunidade onde está inserida. Uma rádio efectivamente comunitária deve estar na comunidade, servir a comunidade e ser da comunidade.

No guia prático *O que é a rádio comunitária*, publicado pela Associação Mundial de Rádios Comunitárias (AMARC, África) e Panos África Austral, refere-se que a rádio comunitária representa a democratização das comunicações, especialmente em África, pois através dela se cria uma base de participação popular no próprio processo de democratização do continente.



Nesse guia, são indicadas algumas vantagens da introdução das rádios comunitárias para o continente africano, do qual o nosso país faz parte.

Através da análise dos conceitos acima referidos, depreende-se que as rádios comunitárias são de uma cada vez maior importância nas sociedades em que vivemos, pois através delas as comunidades passam a ter a sua própria voz.

No continente africano as rádios comunitárias são relativamente recentes. Em 1985, pouco tempo depois do surgimento da primeira rádio, no Quênia, havia pouco mais de dez estações radiofónicas independentes em toda a África mas, na década seguinte, na sequência das rápidas e profundas mudanças sócio-políticas operadas no continente, em 1998 já largas centenas de estações de rádio independentes (incluindo as de gestão do tipo comunitário) estavam em funcionamento.

Esta verdadeira explosão de estações de rádio independentes registada em África sobretudo na década de 90 não só foi positiva do ponto de vista de tornar a informação mais acessível aos cidadãos como também permitir às populações uma maior participação nos processos de democratização dos respectivos países.

Tão mais importante se torna a implantação de mais emissoras de rádio quanto se verifique que, segundo estatísticas, em todo o mundo, por cada mil habitantes, há mais aparelhos de rádio do que televisores ou jornais, considerando que a rádio é menos dispendiosa em relação a televisão e é mais acessível à maioria dos cidadãos.

No entanto, apesar da sua designação de rádios comunitárias, muitas emissoras africanas desse cariz não têm uma verdadeira ligação com as comunidades em que se encontram instaladas.

Verifica-se, com efeito, um certo espírito de doadorismo, se assim se pode chamar ao princípio de esperar sempre por um doador, seja uma entidade estatal, uma organização não-governamental, uma agência internacional especializada ou uma empresa.

Essa situação acaba por levar à instalação de rádios que, ao invés de manterem o espírito comunitário que deveria nortear a sua actividade, acabam por encerrar dentro de si interesses obscuros, que privilegiam os grandes grupos de doadores e financiadores, em detrimento das verdadeiras comunidades.



De qualquer modo, não importa o grau de comunitarização da rádio que esteja em constituição, o seu núcleo de criação deve definir claramente as suas fontes de sustentabilidade, sobretudo nas áreas financeira, técnica e de recursos humanos. Sem sustentabilidade, está claro, as rádios vão sobreviver por muito pouco tempo. Ou seja, estão condenadas a desaparecer.

Um pressuposto básico para garantir sustentabilidade às rádios comunitárias é a necessidade de as comunidades assumirem o espírito de propriedade da rádio - ou seja, que encarem este importante meio como seu e que serve os seus interesses.

Nas rádios comunitárias a que pertencemos, um papel especial deve ser desempenhado pela mulher.

A Rede de Mulheres nas Rádios Comunitárias, que em Março de 2001 realizou o seu primeiro encontro de reflexão em Chimoio, pode representar uma base de apoio não só das mulheres e dos seus programas específicos nas estações emissoras, mas também para facilitar o fortalecimento geral dos grupos de trabalho.

A Rede em referência, que passou por um período de letargia, está agora numa fase de reactivação - já se realizou um festival nacional (Chimoio, Julho de 2003) e seminários regionais (em Nampula, Chimoio e Xai-Xai, Setembro de 2003).

Embora na maior parte das rádios comunitárias as mulheres apareçam em número inferior em relação ao dos homens, é inegável que elas desempenham um papel fundamental, senão mesmo determinante, na vida das nossas comunidades.

Em contrapartida, são as mulheres aquelas que, na maior parte das nossas comunidades, têm menor acesso ao ensino e ao emprego; são elas as maiores vítimas da violência doméstica, são obrigadas a casar ainda menores de idade...

Em muitas regiões do país, as mulheres acabam por constituir o maior número de ouvintes das rádios, dado que são elas as que mais tempo passam em casa.

Por estas e outras razões, torna-se importante um maior envolvimento das mulheres na produção de programas para as rádios comunitárias - tanto os programas específicos sobre a mulher como os de diferentes áreas, em que a mulher joga um papel fundamental.

Em suma, as rádios comunitárias devem procurar capitalizar uma das suas grandes importâncias: o facto de serem o meio de comunicação social mais democrático, participativo e imaginativo.



...E FAZEMOS PARTE DE UM GRUPO EDITORIAL

Dentro da rádio comunitária, nós pertencemos a um grupo editorial. Neste caso concreto, ao grupo editorial de agricultura.

Como já referimos, o Projecto de Desenvolvimento dos Media encara a Rádio Comunitária como uma ferramenta para os processos de desenvolvimento e, se calhar, deve ser a ferramenta mais poderosa presentemente usada pelas comunidades no país. Assim, a rádio comunitária não pode ser vista como uma outra rádio pública local, com o mandato de informar um determinado público. Esta deve ser parte integrante da vida da comunidade, envolvida nos e com os problemas, os desafios e os êxitos da comunidade. A rádio deve ser usada como um instrumento de reflexão, análise, discussão e procura de soluções para as mais variadas situações decorrentes do processo de desenvolvimento.

Para dar forma a estes conceitos, os produtores de programas das rádios parceiras da UNESCO estão organizados em grupos editoriais, cada um focalizado numa determinada área da programação, tal como saúde, HIV/SIDA, agricultura, cultura, educação, mulher, criança, desporto, pesca (onde se mostre relevante), democracia e direitos humanos, etc.

O grupo editorial é, por assim dizer, uma pequena família dentro da grande família da rádio comunitária.

Este manual será dedicado especialmente à pequena família constituída pelos membros do grupo editorial que trata de assuntos sobre a agricultura.

Os grupos editoriais produzem todos os programas da rádio, assegurando que um certo número de pessoas, recrutadas de e pertencendo a "diferentes comunidades dentro da comunidade" (no capítulo anterior já nos referimos a essas diferentes comunidades) sejam envolvidas, evitando "estrelas" individuais que comunicam verticalmente com a comunidade de ouvintes e transmitem apenas as suas opiniões pessoais.

A programação dos grupos editoriais é baseada na análise conjunta da vida da comunidade em áreas temáticas sob sua responsabilidade: quais são os desafios de desenvolvimento na comunidade?, qual poderá ser o papel da rádio na sua vontade de moderar, facilitar e buscar soluções dos problemas locais através do envolvimento de todos os segmentos relevantes da comunidade? Isso significa que os grupos editoriais gradualmente



desenvolvem um alto nível de conhecimento em relação ao assunto com que trabalham e podem tornar-se os iniciadores locais de mudanças, sempre em contacto com as comunidades de onde eles provêm e reflectindo as experiências e os sonhos comuns para um futuro melhor, bem como para as soluções concretas de desenvolvimento localmente identificadas.



CRIAÇÃO DOS GRUPOS EDITORIAIS

A criação dos grupos editoriais nas rádios comunitárias não é feita numa base aleatória. Obedece a determinados critérios.

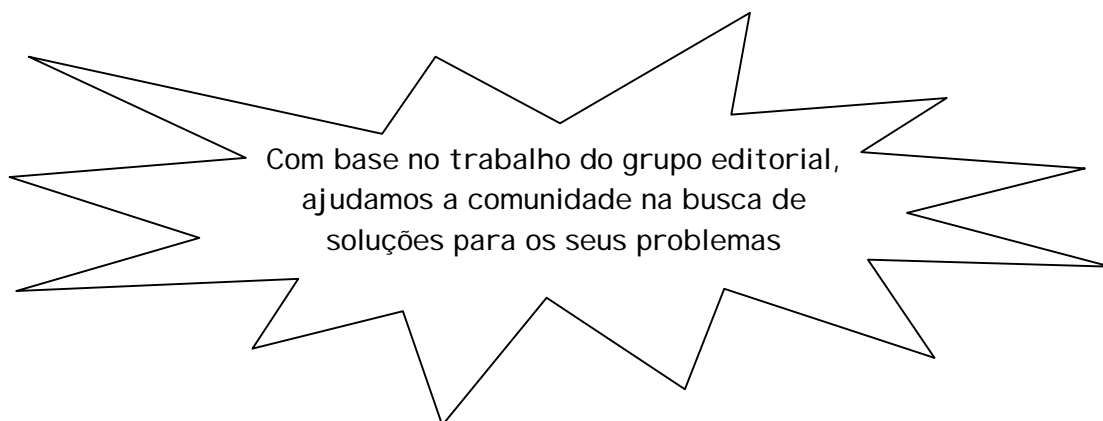
Em primeiro lugar, é necessário que se relembre a missão da estação de rádio: contribuir para o desenvolvimento da comunidade.

O termo-chave, nesta definição de missão, é DESENVOLVIMENTO. Quer isso significar que a rádio comunitária deve identificar ou fazer o levantamento de áreas que mereçam intervenção da rádio, tendo como objectivo o desenvolvimento da sua comunidade.

Em condições normais e para que sejam efectivos, os grupos editoriais são criados em função dos seguintes passos iniciais:

1. Pesquisa de audiência previamente levada a cabo pela rádio, que determina quais os assuntos que mais a comunidade gostaria de ver abordados na rádio;
2. Produção de uma grelha de programas para a rádio, que é resultado da pesquisa de audiência;
3. A definição do perfil dos próprios programas constantes da grelha da rádio.

A grande vantagem deste processo é o de que os programas a serem produzidos e transmitidos pela rádio irão reflectir os anseios e os problemas da comunidade e, mais do que isso, vão ajudar a comunidade na busca de soluções para os seus problemas.



FUNCIONAMENTO DO GRUPOS EDITORIAL

O mecanismo de funcionamento de um grupo editorial pode ser equiparado ao de uma redacção: o grupo editorial é uma pequena redacção "especializada" num determinado assunto, podendo ser agricultura, saúde, educação, direitos humanos, etc.

Cada grupo editorial é composto por um determinado número de voluntários (de preferência representando as diferentes comunidades dentro da grande comunidade, ou seja, pessoas que vivam em bairros diferentes, que tenham diferentes profissões, idades, religiões, interesses...), com um chefe do grupo eleito pelos próprios voluntários ou indicado pelo mobilizador, tendo como principais tarefas:

- n Assegurar a produção do programa de acordo com a grelha de programação e nas datas previstas;
- n Assegurar que o conteúdo do programa reflecte os problemas e/ou interesses da comunidade;
- n Assegurar a emissão dos programas nas datas e horários previstos.

No entanto, como a seguir se vai verificar, o trabalho do grupo editorial não se cinge à área de programação. Há várias outras actividades que podem ser desenvolvidas.

O grupo editorial deve trabalhar no sentido de assegurar que os programas da rádio reflectam os problemas e os interesses das diferentes comunidades dentro da grande comunidade



O QUE PODEMOS PRODUZIR NO GRUPO EDITORIAL?

De um modo geral, como já foi dito no capítulo anterior, os grupos editoriais constituem uma pequena família dentro da grande família da rádio comunitária, que têm como objectivo responder por uma área específica de interesse da comunidade.

O nosso grupo editorial, o de agricultura, responsabiliza-se, assim, por levar aos ouvintes os conhecimentos relativos ao sector agrícola, de modo a ajudar a alterar, para o melhor, as atitudes, práticas e comportamentos das comunidades.

Esse trabalho dos grupos editoriais pode ser desenvolvido através de três vertentes principais, a saber:

- n A produção do programa de agricultura, nas diferentes línguas usadas na rádio, para a divulgação nos períodos e dias previstos na grelha de programas;
- n A participação na produção de notícias, reportagens ou comentários para os diferentes blocos noticiosos da rádio;
- n A realização de outras actividades com o envolvimento directo e ao vivo das comunidades, como seja a apresentação de peças teatrais ao vivo, a promoção de festivais culturais, concursos diversos, feiras agrícolas, demonstrações de novas técnicas agrícolas, etc.

Vamos a seguir desenvolver cada uma destas atribuições do nosso grupo editorial.

A GRELHA DE PROGRAMAS

A primeira missão do nosso grupo editorial, com efeito, é mesmo de carácter editorial - a produção de programas radiofónicos relativos à actividade agrícola da nossa comunidade.

O programa faz parte da grelha de emissão da nossa rádio comunitária, que foi elaborada com base nos resultados da pesquisa de audiência e que pode ser actualizada regularmente (uma vez por ano, por exemplo), conforme os resultados das pesquisas de impacto do trabalho que sejam levadas a cabo pela rádio.

A grelha de programas da rádio comunitária pode ter o seguinte formato (os programas descritos nesta tabela e a sua distribuição na grelha constituem apenas exemplos):



Hora	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
Hora1	Saúde	Agricultura	Agricultura	Saúde	Agricultura	Educação	Criança
Hora2	Mulher	Educação	Educação	Educação	Educação	Educação	Criança
Hora3	Resumo de Notícias	Resumo de Notícias	Resumo de Notícias	Resumo de Notícias	Resumo de Notícias	Mulher	Cultura
Hora4	Democracia e Direitos Humanos	Educação	Democracia e Direitos Humanos	Educação	Democracia e Direitos Humanos	Agricultura	Agricultura
Hora5	Encontro da comunidade	Mulher	Encontro da comunidade	Saúde	Encontro da comunidade	Cultura: Música local	Democracia e Direitos Humanos
Hora6	Cultura	Desporto	Cultura	Jovens	Cultura	Música Africana	Resumo de Notícias

No caso desta grelha, o nosso grupo editorial de agricultura deverá apresentar programas às terças, quartas e sextas-feiras, na hora 1; aos sábados e domingos, na hora 4.

A COMPARTICIPAÇÃO NOS BLOCOS NOTICIOSOS

A segunda responsabilidade do grupo editorial na rádio comunitária é a sua participação na produção dos blocos noticiosos que constam igualmente da grelha de programação da emissora.

Com efeito, numa rádio comunitária cuja produção de programas é baseada no trabalho dos grupos editoriais, a recolha, o tratamento e a apresentação de materiais nos blocos noticiosos é feita de forma criativa: cada grupo editorial é responsável pela produção de uma notícia, reportagem ou comentário sobre a sua área.



Veja a tabela explicativa a seguir, que inclui exemplos de temas que possam servir para a produção de um programa e de uma notícia:

TEMA PARA PROGRAMA DE AGRICULTURA (Exemplo)	TEMA PARA NOTÍCIA (Exemplo)
Como os camponeses fazem a rega das suas hortas	Extensionistas realizam sessão de apresentação de nova técnica de rega de hortas
Cuidados a ter na criação de galinhas	Iniciada no distrito a vacinação de galinhas contra a Newcastle
Utilidade da tracção animal na agricultura	ONG inicia distribuição de juntas de boi a camponeses seleccionados no distrito
Como a comunidades pode prevenir a erosão	População do bairro de Mafarinha inicia plantio de eucaliptos para prevenir efeitos da erosão
Preparação de sementes nas comunidades	Iniciada no distrito comercialização de uma variedade de semente de milho com maior poder germinativo
Queimadas descontroladas provocam desflorestamento	Direcção Distrital de Agricultura anuncia recrutamento de mais guardas florestais

O programa faz uma abordagem aprofundada do assunto. Já a notícia limita-se a trazer o facto, para efeitos de informação.

Peguemos no exemplo do efeito das queimadas que devastam extensas zonas do país. O programa ensina a comunidade sobre as formas de desbravar a terra sem provocar queimadas, ou a fazer queimadas controladas quando estas se apresentem absolutamente necessárias; fala dos danos que as queimadas provocam ao meio ambiente e às próprias comunidades, etc.



Por seu turno, a notícia apenas informa sobre um facto ou acontecimento concreto, por exemplo, que a Direcção Distrital de Agricultura e Desenvolvimento Rural acaba de anunciar o recrutamento de mais guardas florestais para ajudarem no controle das queimadas e aplicação de medidas aos infractores.

Se todos os grupos editoriais constituídos na rádio funcionarem devidamente, então o bloco noticioso será composto por uma notícia sobre agricultura, uma sobre saúde, outra sobre educação, cultura e desporto, juventude e por aí em diante. RESULTADO: o bloco informará da melhor maneira a comunidade sobre as suas realizações, os seus principais problemas, sucessos, etc.

O chefe do grupo editorial pode indicar, por cada dia, um dos seus membros, para se responsabilizar pela produção de uma notícia. Uma planificação adequada fará com que os voluntários não precisem de esforçar-se todos os dias neste trabalho.

É importante referir que as áreas normalmente cobertas pelo bloco noticioso reflectem as necessidades de informação das comunidades, necessidades essas manifestadas durante a pesquisa de audiência.

No fim do dia, a rádio comunitária terá transmitido PROGRAMAS com conteúdo adequado e BLOCOS NOTICIOSOS que reflectem as realizações, os problemas, sucessos, ansiedades e sonhos da comunidade - duma maneira resumida através das notícias, reportagens e comentários e duma forma mais aprofundada através dos programas.

NOTA: Como não poderia deixar de ser, há notícias imprevistas, ou seja, aquelas que os grupos editoriais não podem incluir nos blocos previamente planificados, dado o momento em que as mesmas acontecem.

Por exemplo: incêndios, acidentes, mortes, reuniões extraordinárias, chegada de individualidades, aparecimento de um leão ou hipopótamo numa determinada zona, etc.

É lógico que estes acontecimentos devem ser incluídos nos blocos noticiosos, depois de devidamente confirmados e trabalhados, dado o seu impacto na comunidade.



A LIGAÇÃO AO VIVO COM AS COMUNIDADES

A terceira missão do grupo editorial tem a ver com a promoção de acções que ajudem a manter a rádio mais directamente ligada às comunidades.

Tais iniciativas podem ser das mais diversas, conforme a criatividade dos membros do grupo editorial ou as condições localmente existentes.

O grupo editorial de agricultura pode promover acções como:

- n** Apresentação de peças teatrais ao vivo. As peças podem ter como personagens os membros do grupo editorial ou de outros grupos ou mesmo de actores não integrados na rádio. Podemos ensaiar uma peça simples sobre os efeitos negativos das queimadas ou sobre o problema da erosão que afecta o distrito e apresentá-la ao vivo, num bairro ou numa escola.
- n** Promoção de feiras agrícolas, nas quais os camponeses e os criadores de animais possam expor regularmente os seus produtos ou até mesmo procederem à sua venda. Muitos dos distritos do país não possuem uma feira agrícola e, se a rádio a conseguir organizar, já estará a fazer um trabalho útil para a comunidade.
- n** Transmissão de sessões de demonstração de novas técnicas agrícolas desenvolvidas pelos camponeses ou por técnicos especializados. Estas sessões podem ser levadas a cabo nos campos agrícolas. A rádio pode apresentar um programa, por exemplo, sobre novas técnicas de rega e depois convidar os camponeses a assistirem a uma demonstração prática, previamente preparada. Logo, o programa de agricultura não se limitará à apresentação do assunto mas fará a ligação entre a teoria e a prática.

Há várias actividades que o grupo editorial pode promover junto da comunidade, como feiras agrícolas, novas técnicas agrícolas....





O NOSSO TRABALHO NA ÁREA EDITORIAL

Até aqui, já estamos certos do vasto rol de actividades que podemos desenvolver entanto que grupo editorial da rádio comunitária - no nosso caso, o grupo editorial de agricultura.

Na área editorial, o grupo do qual fazemos parte constitui uma espécie de pequena redacção "especializada" em assuntos sobre a agricultura na rádio comunitária. Este grupo deverá reunir-se com alguma regularidade, de modo a que em conjunto possamos todos fazer a análise e a planificação do trabalho que nos é reservado.

Esta análise e planificação do trabalho do grupo editorial pode obedecer aos passos seguintes:

1- Avaliação da realidade geral

Antes de avançarmos para a produção de programas radiofónicos, torna-se importante avaliar qual pode ser o nosso papel, enquanto grupo editorial de agricultura, dentro da nossa rádio comunitária e da própria comunidade em que estamos inseridos.

Este passo inclui a avaliação de questões como:

- n Qual é a realidade agrícola da nossa comunidade? (que tipo de agricultura mais se pratica, de subsistência ou empresarial?, que produtos são mais cultivados?, como é que tem sido feita a utilização dos excedentes agrícolas dos camponeses?, qual é o impacto da criação de gado na comunidade?);
- n Quais são os principais desafios do nosso trabalho? (o que é que pretendemos que a rádio ajude a vencer ou a ensinar na nossa comunidade?);
- n Quais as principais fontes de informação existentes no nosso distrito ou cidade? (quais os camponeses, agricultores e criadores empresariais ou técnicos agrícolas que tenham experiências e conhecimentos capazes de interessar aos demais?, quais as mulheres camponesas que possam falar à rádio sobre a sua actividade?, a que materiais de consulta podemos ter acesso?);
- n De que meios dispomos para a realização do nosso trabalho? (o pessoal está suficientemente preparado para dar o seu contributo à produção de programas?, os meios técnicos e materiais estão disponíveis?).



2- Planificação do conteúdo temático do programa a ser produzido

Depois de conhecermos a realidade geral, entramos para a planificação do nosso trabalho - o que é que vamos fazer concretamente?

Este passo inclui a avaliação de questões como:

- n** A identificação do grupo-alvo do programa: quem são os nossos principais ouvintes? O programa será mais dirigido aos produtores familiares de milho ou aos criadores de gado caprino?
- n** A escolha do tema ou foco do programa: qual será o enfoque do assunto escolhido para o programa? Será mais para transmitir experiências de um camponês ou para ensinar um novo sistema de rega para o desenvolvimento da agricultura na nossa comunidade?
- n** A definição dos objectivos do programa: o que é que se pretende atingir? O que esperamos que os camponeses ou criadores de gado venham a saber no final do programa?;
- n** A escolha do formato do programa: será apresentado em forma de drama ou de debate? Ou será baseado numa entrevista a um camponês que teve resultados positivos numa nova cultura?;
- n** A escolha do ângulo de abordagem do assunto: em que perspectiva se vai pegar o tema? É mais para transmitir conhecimentos ou para levar os camponeses a trocarem experiências sobre a criação de patos?
- n** A troca de conhecimentos e experiências, entre os membros do grupo editorial, sobre o assunto em questão: o que um não sabe, transmite ao outro e, juntos, enriquecemos o programa.
- n** A elaboração do script, isto é, o guião para a apresentação do programa.
- n** A distribuição de tarefas e responsabilidades entre os vários membros do grupo editorial: quem recolhe as entrevistas?, Quem procura os efeitos sonoros? Quem selecciona a música?, Quem escreve o script? Quem edita o programa? Quem o apresenta?, etc., etc.



3- A transmissão do programa

Este passo é o que vai permitir o contacto entre o trabalho feito pelo grupo editorial e os ouvintes. É a colocação do programa no ar.

Nas rádios comunitárias, convém que os programas, depois de produzidos e vistos pelo mobilizador e/ou pelo coordenador, sejam gravados antes de serem radiodifundidos, de modo a garantir maior qualidade ao trabalho.

Podem ser feitas correcções no estúdio; pode ser feita nova gravação se verificarmos que a anterior não satisfaz os objectivos do programa.

A gravação deve ser feita com pelo menos um dia de antecedência em relação ao dia de transmissão. Trabalhos feitos à última hora, geralmente às pressas, podem não sair com a qualidade desejável.

Antes da emissão do programa, o chefe do grupo editorial ou outro elemento pode entregar ao animador de cabine de serviço um pequeno texto com a indicação dos principais assuntos abordados no programa, para que o animador possa ir alertando aos ouvintes sobre o que poderão escutar no programa de agricultura desse dia.

4- A análise pós-emissão

Após a divulgação do programa pela rádio, é hora de fazermos a avaliação do trabalho feito e do impacto que este teve junto dos ouvintes.

Podemos fazer a avaliação num encontro do grupo editorial, após ouvirmos as reacções dos destinatários do nosso trabalho, através do contacto directo com as pessoas, de cartas, telefonemas ou visitas recebidas na rádio.

Este passo inclui a avaliação de questões como:

- n** O programa alcançou os objectivos estabelecidos, isto é: se o objectivo era o de ensinar uma técnica nova, conseguimos fazê-lo?
- n** O programa terá contribuído para alguma mudança na comunidade, isto é: os camponeses terão mostrado disponibilidade de adoptar a nova técnica ensinada no programa?
- n** O formato escolhido foi o mais adequado? Isto é: um outro formato não teria levado melhor a mensagem aos ouvintes?



- n O script foi bem elaborado? Por exemplo: não houve falhas que tornassem complicada a apresentação do tema?
- n A linguagem usada foi perceptível? Por exemplo: utilizamos termos técnicos sem que os tivéssemos explicado devidamente aos ouvintes? (não andamos a dizer estiagem quando poderíamos dizer simplesmente seca?)
- n Quais terão sido as reacções dos ouvintes? Acharam o programa útil ou simplesmente disseram que o programa estava cheio de palavreado desnecessário?

E, finalmente,

5- O que fazer para que o próximo programa seja melhor?

Em função dos resultados alcançados com um programa, já é possível definirem-se acções que permitam a melhoria da qualidade e do impacto do programa seguinte.

O objectivo é o de apresentar aos ouvintes programas de cada vez maior impacto e utilidade. Ninguém quer escutar um programa que, no fim, só deu mesmo para escutar; não trouxe nada de novo.



PASSOS PARA A PRODUÇÃO DE PROGRAMAS

A produção de um programa radiofónico obedece a uma série de passos, cada um tão importante quanto o outro.

Tais passos podem ser resumidos no seguinte:

n Definição do perfil do programa, em função da política editorial da rádio.

O pessoal integrado no grupo editorial, com a ajuda de membros da coordenação executiva da rádio e de técnicos ligados ao sector da agricultura na área em que a rádio se localiza, deve definir, em primeiro lugar, o que se pretende atingir com o programa :

- O que se espera que os ouvintes venham a saber fazer, por exemplo, após seis meses de transmissão semanal;
- As áreas a abordar: produção agrícola, comercialização de excedentes, pecuária, segurança alimentar, florestas...;
- As línguas a usar: serão utilizadas só as línguas locais ou também o Português?
- O formato do programa: será apresentado em estilo de drama ou de debates?, será baseado na leitura de documentos ou entrevistas com camponeses?, terá música ou não?, a sua duração (15 minutos é o ideal; quando for longo demais, a atenção do ouvinte pode perder-se):
- A periodicidade do programa: vai ao ar uma vez por semana ou duas?, terá repetição num outro dia e noutro período do dia?
- Onde serão recolhidos os materiais a utilizar: consulta de livros ou outros documentos, conversas com técnicos agro-pecuários e com camponeses, etc;
- Qual é o grupo alvo a atingir: camponeses, agricultores empresariais, comerciantes, extensionistas, membros do Governo ou de organizações não-governamentais ou outros).

Será de grande importância também que os membros do grupo editorial de agricultura se envolvam na escolha do nome do programa. Os nomes devem evidenciar criatividade. Não é criativo que se chame apenas "Programa da Agricultura". Em Milange, por exemplo, o programa de agricultura chama-se "A Vida Vem da Terra".



A par disso está a definição do indicativo sonoro de abertura e fecho do programa. O programa radiofónico deve ter uma espécie de rosto, um rosto feito em forma de som, de modo a que o ouvinte, escutando os primeiros acordes, esteja em condições de identificar o programa que vem a seguir.

n Desenho de um programa radiofónico comunitário

Os voluntários devem conhecer o desenho de um programa radiofónico dirigido às comunidades. Devem saber, por exemplo, que conhecimentos é que pretendemos transmitir? Serão as técnicas básicas de agricultura ou os camponeses preferem ouvir sobre novas tecnologias que permitam melhorar o rendimento por hectare de produção? Por que é que queremos mudar atitudes, práticas ou comportamentos da audiência (para aumentar os rendimentos na produção agrícola?, para a introdução de novas técnicas agrárias?, para evitar as queimadas descontroladas?), porque é que a rádio é o meio mais apropriado para a transmissão das nossas mensagens (possibilidade de utilização de línguas locais, alto índice de analfabetismo nas comunidades, fraco poder de compra para a aquisição de jornais e/ou televisores), quais são as mensagens-chaves a transmitir e o seu enfoque.

Os membros do grupo editorial devem igualmente conhecer potenciais parceiros para a produção do programa (ONGs nacionais e estrangeiras que trabalham na área agrícola, associações de camponeses, escolas agrárias) e estabelecer um plano de monitoria e avaliação do impacto do programa (através de telefonemas dos ouvintes, de cartas, de contactos pessoais, de pesquisas formais).

n Transformar em programas a situação da comunidade

Nas rádios comunitárias, os grupos editoriais devem planificar os seus programas através da análise dos problemas que afectam as suas comunidades.

Através dos debates feitos nos grupos editoriais, é possível fazer-se a avaliação dos principais problemas que afectam a actividade agrícola da comunidade e, com a ajuda da rádio, encontrar soluções para os mesmos.

Por exemplo, podemos chegar à conclusão de que um problema que neste momento afecta os produtores de arroz da nossa comunidade são os gafanhotos. Então, podemos planificar um programa para abordar esse assunto, incluindo entrevistas com camponeses



(de modo a transmitirem as suas experiências, não só em termos de resultados negativos provocados pelos gafanhotos mas também sobre as providências tomadas para combater essa praga) e com técnicos agrários (que possam dar a conhecer, por exemplo, alguns produtos químicos novos e baratos que ajudam a combater os gafanhotos nos arrozais).

Os fazedores da rádio precisam, por isso, de auscultar a comunidade, de modo a conhecerem com exactidão os problemas, as suas causas... e, junto deles mesmos e de outros intervenientes no processo ou fazedores de políticas, conhecer as possíveis soluções.

Só assim o pessoal das rádios estará em condições de recolher e sistematizar dados que permitam produzir programas radiofónicos que ajudem a comunidade a encontrar soluções locais para os seus problemas.

n Elementos para a elaboração de um programa

Quando o grupo editorial planifica a produção de um programa radiofónico, deve ter em conta alguns elementos básicos, como:

- a necessidade de chamar à atenção do auditório para a situação em abordagem: a utilização de uma nova variedade de semente de milho com maior poder germinativo pode contribuir para o aumento do rendimento da produção; isto significa menos área de cultivo e maior colheita);
- chamar à reflexão dos ouvintes sobre casos concretos conhecidos por muitas pessoas: o que toca directamente a cada pessoa tem mais impacto do que o generalizado; a experiência transmitida por um camponês da nossa comunidade, nosso conhecido, tem maior impacto que as orientações dadas por um dirigente da capital provincial cuja cara nem sequer imaginamos...;
- chamar os ouvintes à acção prática: a erosão está a constituir um problema para a comunidade? Então vamos plantar árvores para diminuir o impacto desse mal!
- clarificar a mensagem através da utilização de muitos exemplos locais: a camponesa Joana conseguiu colher na sua horta uma cabeça de repolho com cinco quilos, o criador António aumentou as suas áreas de pasto...



- comunicar os benefícios e riscos da situação: se o camponês optar por uma determinada técnica, o que é que pode sair a ganhar ou a perder?
- criar a confiança aos ouvintes: eles devem chegar à conclusão de que vale a pena escutar o programa; e transmitir uma mensagem consistente (nada de banalidades nem superficialidades na abordagem do assunto).

Aqui é preciso assegurar que os nossos programas radiofónicos sejam baseados nos sonhos e desejos dos membros da comunidade (tenha em mente que o camponês aspira melhorar de vida, aumentar as colheitas nas suas áreas de cultivo, poder ser um dia proprietário de um tractor, colocar os seus filhos na escola...).

n Benefícios dos programas sobre agricultura nas rádios comunitárias

O conhecimento dos benefícios resultantes da produção e emissão de programas sobre a agricultura no grupo alvo permite sempre que os voluntários façam uma escolha mais acertada dos materiais a divulgar.

Entre esses benefícios contam-se o fortalecimento da economia rural, a melhoria da segurança alimentar da população, a divulgação de técnicas agro-pecuárias que possam melhorar o desempenho por parte dos camponeses e uma maior rentabilidade dos solos, o fortalecimento da posição do produtor nas negociações com os comerciantes, etc.

Para isso, através dos programas radiofónicos os agricultores podem ser auxiliados na determinação das culturas a praticar (porquê cultivar milho e não tabaco?), onde e a quem vender (antes e depois da produção) e a que preço (preço actual e anterior, preços históricos), o que fazer do gado existente (é melhor dar prioridade à produção de leite ou carne?).

n O uso das informações transmitidas às comunidades

Os voluntários devem também saber como é que as informações que transmitam através dos seus programas radiofónicos serão usadas pelas comunidades.

Por exemplo, os programas radiofónicos devem ajudar os camponeses a tomar decisões sobre produzir ou não determinado tipo de culturas (milho?, culturas de rendimento?), produzir fora da época ou não, armanezar ou não os produtos colhidos, onde vender os produtos se for preciso, reduzir os custos e riscos de comercialização.



n Planificação feita pelos membros do grupo editorial

Tendo o perfil desejado para o programa, os elementos que constituem o grupo editorial de agricultura estabelecem a periodicidade dos seus encontros (para a planificação de um novo programa e para a avaliação do programa já produzido ou em fase de produção).

Se o programa é transmitido uma vez por semana, é razoável que o grupo mantenha um ou dois encontros semanais, num dos quais, de preferência o último de cada mês, se podem planificar os principais assuntos a abordar no mês seguinte. Uma planificação temática mensal pode ajudar os voluntários a organizarem-se melhor e a terem tempo suficiente para pesquisar o assunto, falar com as pessoas, consultar documentos (se for necessário), recolher efeitos sonoros, escrever o script e discuti-lo no grupo editorial, ensaiar o drama ou a canção (se estes forem os formatos escolhidos) e gravar a versão final do programa sem sobressaltos.

A planificação do programa deve ser o mais detalhada possível, incluindo aspectos de conteúdo (temas específicos a abordar, formato adequado para a apresentação do programa), recursos humanos disponíveis (quem dos voluntários fará o quê), técnicos e materiais a utilizar (será necessário requisitar um gravador ou dois, pilhas e cassetes, que meios de transporte serão usados, será ou não necessário dinheiro para chapa cem...).

De preferência, o mobilizador deve estar presente nas reuniões dos grupos editoriais, orientando a planificação dos programas e dando sugestões aos voluntários sobre como melhor abordar e apresentar o assunto aos ouvintes.



A planificação de um programa pode ser feita num quadro como o que se segue:

Tema para programa da agricultura	Tópicos principais de abordagem	Onde recolher o material a utilizar	Meios técnicos necessários ao trabalho	Distribuição de tarefas no grupo editorial
A sementeira do milho (para ir ao ar no dia X, em formato dramatizado)	<ul style="list-style-type: none"> - Época apropriada para a sementeira - Como deve ser feita a preparação do solo - Quais são as sementes com maior poder germinativo 	<ul style="list-style-type: none"> - Contacto com camponeses da zona Y - Entrevistas com extensionistas afectos à direcção da agricultura - Leitura de manuais sobre técnicas agrícolas 	<ul style="list-style-type: none"> - Um gravador de reportagem - Uma bicicleta para deslocação do voluntário até à zona Y 	<ul style="list-style-type: none"> - Voluntário Fulano entrevistará camponeses - Voluntário Beltrano entrevistará extensionistas - Voluntário Cicrano gravará os efeitos sonoros

n A recolha do material no terreno

É importante que os voluntários saibam onde obter os materiais para os programas radiofónicos sobre a agro-pecuária.

Os materiais, com efeito, podem ser obtidos em primeiro lugar junto do grupo alvo: camponeses, comerciantes agrícolas, extensionistas rurais, madeireiros, agricultores e criadores de gado empresariais), de escolas agrárias, de instituições governamentais e organizações não-governamentais (em muitos distritos do país há ONGs a operarem no sector de agricultura), de boletins informativos especializados e editados por diferentes instituições e através da consulta de bibliotecas, se as houver no local onde a rádio está instalada.



Para a obtenção de informação oficial, quando isso se apresente necessário ao assunto em abordagem, lembre-se que todos os distritos do país têm em funcionamento uma Direcção de Agricultura e Desenvolvimento Rural. Nas capitais provinciais existem as Direcções Provinciais, com vários departamentos e técnicos especializados. Em Maputo está baseado o Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural.

No Ministério da Indústria e Comércio - e nas respectivas direcções provinciais e distritais - podem também ser obtidas informações com alguma relevância para os programas radiofónicos ligados à agricultura (comercialização agrícola, preços de produtos agrícolas no mercado...).

Quando estivermos envolvidos na recolha de material para a produção de programas radiofónicos, precisamos de pensar muito concretamente nos nossos ouvintes: quem são aqueles que nos ouvem?

Para tal, precisamos de ter na nossa mente as pessoas às quais nos dirigimos através da rádio - uma camponesa, um camponês, um agricultor ou criador de gado empresarial, um técnico especializado - e depois concluirmos: "Bom, estamos agora a falar para essas pessoas. Então, em que é que lhes podemos ser úteis na perspectiva de criar novos conhecimentos, mudar atitude ou melhorar alguma prática do dia-a-dia".

De estudos feitos em outros países, sabemos que, num programa por exemplo dirigido aos camponeses, a fonte mais fiável e credível são outros camponeses que falem sobre as suas próprias experiências: "O que é que eu, Fabião, camponês deste distrito, fiz com poucos recursos para melhorar a minha colheita de milho por hectare" toca, certamente, mais no fundo do coração de outro camponês do que "os manuais de agricultura dizem que, para se melhorar a colheita de milho por hectare, devemos fazer isso ou aquilo". Logo, "se o camponês Fabião, que trabalha o campo nas mesmas condições que eu, Mário, conseguiu esses resultados, porque é que não o posso conseguir?"

Pode ser naturalmente necessário que, às vezes, recorramos aos manuais ou aos dirigentes locais para obtermos informação de interesse, mas as mudanças pretendidas nas nossas comunidades não virão de lá, mas sim das próprias comunidades.

O tipo de fontes às quais recorreremos nos nossos grupos editoriais marca mais uma das diferenças entre uma rádio pública e uma rádio comunitária. A rádio pública vai mais pelo oficial, pelo que os responsáveis dizem; as rádios comunitárias utilizam mais as fontes



locais, envolvidas directamente no assunto, porque essas fontes da comunidade são mais eficientes, fiáveis e credíveis.

Para isso, no nosso grupo editorial precisamos de conhecer muito bem quem são as nossas fontes; quais são os conhecimentos e as experiências que essas pessoas têm e que possam ser úteis aos outros. Precisamos de saber quem são as verdadeiras autoridades na área da agricultura na nossa comunidades; precisamos de saber quem são nas nossas comunidades as pessoas detentoras de informações e conhecimentos que, quando transmitidos aos outros, podem apoiar as mudar práticas e atitudes, a melhorar as nossas vidas.

Não é necessário que limitemos a nossa acção à comunidade do nosso distrito ou cidade. Podemos também ir recolher experiências de comunidades vizinhas - muitas vezes são distritos (ou até mesmo países) em que se fala a mesma língua que a nossa. Podemos, com efeito, até ir buscar ideias do outro lado da fronteira (no Malawi, tão vizinho de Milange ou Metangula), no Zimbabwe (tão vizinho da vila de Manica ou Chimoio), na Zâmbia (tão vizinho de Zumbo), na África do Sul ou Suazilândia (tão vizinho de Maputo), na Tanzania (tão vizinho de Mueda)...

Ao escolhermos as fontes para os nossos programas, precisamos também de pensar na ideia de abarcar todas as comunidades dentro da grande comunidade: mulheres e homens, jovens e velhos, religiosos e não religiosos, os que vivem em áreas urbanas e o que vivem nas zonas rurais, os desta profissão e os daquela...

n Priorização do género feminino

Na recolha dos materiais - para o caso específico dos programas de agricultura - seria bom que os grupos editoriais dessem prioridade à auscultação de fontes do sexo feminino. As mulheres são, de resto, aquelas que têm maior presença nas actividades agrícolas, são as maioritárias em termos populacionais em Moçambique, são aquelas que mais escutam a rádio e têm a sua maneira própria de ver as questões.

Por isso, as mulheres merecem espaço de destaque nos programas de agricultura. Elas devem constituir o espelho das comunidades e geradoras das mudanças desejadas nas nossas comunidades.



Os grupos editoriais devem fazer o mapeamento das fontes femininas que possam ser úteis aos programas de agricultura da rádio: quem são as camponesas, as extensionistas rurais, as técnicas agrárias que possam transmitir experiências agrícolas úteis às comunidades.

n Produção e edição do programa

Depois de recolhidos os materiais necessários, o grupo editorial inicia a produção e edição do programa. Os voluntários juntam todas as peças disponíveis, elaboram o guião ou script e o hot clock (a sequência do tempo que será ocupado no programa por cada indicativo, assunto, entrevista, música ou efeito sonoro), fazem a escolha dos efeitos sonoros (se forem recolhidos localmente, melhor - por exemplo, o som de um tractor ou de enxadas cultivando a terra, o cacarejar das galinhas...) e das músicas a utilizar (num programa de agricultura talvez não fique bem um tema rap...).

No guião devem ser escritas todas as observações que se achem pertinentes, de modo a que, na hora da gravação, tanto os apresentadores do programa como o técnico que faz a sonorização tenham as indicações necessárias ao trabalho.

O guião também ajuda a formalizar a gestão rigorosa do tempo. Este constitui a prova e a garantia de que um programa foi preparado, que o dominamos. É a salvaguarda indispensável contra improvisações, imprevistos e faltas de controle do programa.

O programa pode ser feito na forma tradicional de um ou mais apresentadores procederem à leitura dos textos, colocarem as entrevistas recolhidas e as músicas seleccionadas.

Mas podemos encontrar e com êxito outras formas de apresentação dos programas e de fazer passar as mensagens à comunidade.

Uma dessas formas é a dramatização, isto é, a apresentação do programa em forma de uma peça de teatro. Hoje em dia este estilo de comunicação tem se mostrado bastante eficiente do ponto de vista de facilidade de captação de mensagem por parte do destinatário. Escrevemos a história e apresenta-mo-la como se fosse uma conversa numa família, num grupo de amigos ou num local de trabalho. Incluímos efeitos sonoros, para dar um ar mais realístico do ambiente em que a conversa se desenrola. Verificaremos que o impacto da transmissão da mensagem será bem maior quando comparado com outras formas tradicionais de apresentação de programas radiofónicos.



Deverá ter-se em conta que na televisão, por exemplo, os telespectadores olham para a cara da pessoa que está a falar, conseguem ver o local em que a cena se desenrola; na rádio o cenário é criado com palavras, música e ruídos.

Ao produzir-se um programa dramatizado, lembre-se que é necessário adaptar esses programas usando nomes, hábitos, expressões, culturas e situações locais, para torná-los familiares e aceitáveis aos ouvintes, que devem ser capazes de se identificar com as personagens, com os assuntos abordados e com as zonas onde as situações ocorrem.

É preciso ter em conta também que o ouvido humano não distingue muito bem as qualidades entre vozes. Por isso, para cada peça é conveniente que sejam escolhidos intérpretes com diferentes tonalidades nas vozes, de modo a que os ouvintes possam, rápida e facilmente, identificar a personagem que está a falar. Na preparação da peça, trabalhe-se no sentido de enfatizar as diferenças vocais e os padrões de linguagem. As vozes também devem corresponder às diferentes idades e sexos das personagens envolvidas (não fica bem uma voz com totalidade infantil no papel de um velho, nem a de um homem fazendo o papel de uma mulher...)

Para além do drama, podemos também apresentar os materiais em forma de poemas, de canções (nós, os moçambicanos, somos muito criativos quando é para cantar!), de debates, de comentários, no formato informativo... precisamos apenas é de pôr a nossa mente a funcionar!

Quando se optar pelo drama ou pela canção, o grupo editorial pode conceber o texto e a mensagem que pretende transmitir e depois solicitar o apoio de grupos teatrais ou de canto coral da comunidade (nas igrejas, nos bairros, há muitos grupos desses) para a apresentação das peças ou das canções.

A criatividade, com efeito, é a arma principal do trabalho jornalístico. Nunca se deve cair na monotonia. Precisamos sempre de ver tudo sob diversos ângulos. Quem veja pão, por exemplo, não pode ver apenas o pão. Deve ver muito mais: o dinheiro que o pão custa ao consumidor, a farinha e o fermento com que se faz o pão, a água que se utiliza, o padeiro que o amassa, os fornos que o cozem, a lenha ou a energia eléctrica que alimentam tais fornos, as barrigas cuja fome o pão vai saciar, as padarias que vendem o pão, o estado de saúde de quem comercializa o pão ao balcão, as viaturas que o distribuem pelos postos de venda, o sal que torna o pão mais saboroso, etc.

Da mesma forma que quem veja comercialização agrícola, por exemplo, não pode ver exclusivamente a venda dos excedentes agrícolas dos camponeses. Deve ver muito mais: o transporte para o local de venda, os preços praticados, a segurança alimentar futura do camponês que está a vender os seus excedentes, a conservação dos produtos...

Pensando dessa maneira, de cada vez que nos estejamos a preparar para produzir um programa, uma notícia ou uma reportagem, não só ficaremos concentrados no tema principal, mas também tocaremos em tudo o que a esse tema diga respeito. Assim enriqueceremos o texto; estaremos em melhores condições para transmitir ao ouvinte todos os pormenores de que ele precisa e que lhe permitam poder ajuizar por si próprio e tirar as suas conclusões.

Em radiodifusão, à criatividade do ponto de vista de conteúdo da matéria abordada juntamos outros condimentos: a criatividade em relação aos efeitos sonoros. Aqui a imaginação de quem faz o programa ou a reportagem também é fundamental. Um efeito bem escolhido e colocado no momento certo dá um ar mais realístico ao tema em abordagem.

O importante, pois, é que trabalhem para tornar os programas radiofónicos interessantes. Os programas devem ter alguma relação com a vida dos ouvintes, de modo a que estes possam sentir-se envolvidos no assunto que esteja em abordagem. O programa deve ser compreensível para a audiência; a complexidade leva à confusão e não ao interesse. Depois, alie-se a tudo isto a vivacidade; a rádio não pode ser abstracta.

Terminada a produção do programa, os membros do grupo editorial devem fazer a avaliação do produto final, que depois é entregue ao mobilizador e/ou ao coordenador da rádio, que farão a última apreciação do trabalho.

Segue-se depois a fase de gravação do programa em estúdio. Seria ideal que um programa não levasse muito tempo a ser gravado. Um programa de 15 minutos pode ser perfeitamente gravado em meia hora ou menos tempo, desde que todo o pessoal e material estejam bem preparados e organizados.

Para tal, os apresentadores do programa devem ler previamente o texto, juntar as cassetes e os discos a utilizar.

Como se escreveu anteriormente, seria bom que os programas fossem gravados com pelo menos um dia de antecedência em relação ao da sua emissão.



Não se aconselha que programas das rádios comunitárias, mormente os de carácter educativo, sejam apresentados em directo. Os directos requerem normalmente uma grande preparação, um domínio da língua, uma boa capacidade de improviso, qualidades que nem sempre encontramos nos grupos editoriais e em pessoal com poucos anos de experiência de radiodifusão.

n Divulgação

O programa previamente gravado (na memória do computador, em cassete ou em mini-disco, conforme as condições específicas de cada rádio) fica depois sob a responsabilidade do técnico ou de outra pessoa em quem a rádio tenha delegado essa tarefa, até ao dia e hora da sua emissão.

n Análise pós-emissão

Após a divulgação do programa, é útil que o grupo editorial faça a análise do impacto desse programa junto da comunidade (os objectivos foram alcançados?, o grupo alvo percebeu os assuntos abordados?, a linguagem usada foi acessível?, etc.).

Essa análise pode ser feita através de contactos directos com os ouvintes, de cartas ou de telefonemas que a rádio receba.

O ideal seria que os resultados dessa análise fossem sistematizados e servissem para ajudar o grupo editorial a melhorar a qualidade dos programas seguintes.



Ah, não gostei de nada!
Vocês andaram a falar sobre
combate a pragas com o uso
de meios aéreos. Onde vamos
apanhar avião dele?

Minha senhora, o que
mais gostou do nosso
programa de
agricultura de ontem?





VAMOS JUNTOS PRODUZIR UM PROGRAMA

Depois de termos visto teoricamente os diferentes passos que damos no processo de produção de um programa radiofónico, vamos fazer juntos um trabalho prático.

Estamos então reunidos num primeiro encontro semanal do grupo editorial de agricultura numa rádio comunitária - a de Metangula (distrito do Lago, província do Niassa), por exemplo.

Após analisarmos o impacto do último programa junto da comunidade, vamos entrar na planificação do próximo tema.

À base do levantamento dos principais problemas que afectam a comunidade nesta fase e das discussões entre os membros do grupo editorial, concluímos que as queimadas constituem o tema a abordar no próximo programa, com a duração de 15 minutos.

É que, nesta fase de preparação da época agrícola, muitos camponeses estão a fazer queimadas para desbravar as suas machambas ou simplesmente para caçar ratazanas. Tais queimadas estão a destruir extensas áreas verdes do distrito de Lago.

Começemos por fazer a planificação do programa, sob orientação do chefe do grupo.

Quando estivermos a falar de queimadas, estaremos então a falar de quê? - eis o primeiro ponto da planificação.

O grupo todo participa com ideias (quanto mais tópicos abarcarmos no nosso trabalho, mais aprofundada será a abordagem do tema no programa radiofónico).

QUEM PENSA EM QUEIMADAS PENSA EM:

- n Destruição de florestas
- n Forma ancestral usada para desbravar a terra
- n Destruição dos mangais de protecção da costa do Lago Niassa, o que aumenta os níveis de erosão
- n Produção de carvão vegetal
- n Caça de ratazanas



- n Perigo do alastramento do fogo para áreas habitadas ou cultivadas
- n Porque não fazer queimadas controladas, que são menos prejudiciais?
- n Destruição do habitat dos animais selvagens
- n Montes cujas encostas ficam sem as árvores que as protegem dos efeitos da erosão
- n Sensibilização das comunidades no sentido de evitarem as queimadas descontroladas

Feito este levantamento, que corresponde aos **PRINCIPAIS TÓPICOS** do programa, vamos aos restantes passos da planificação do trabalho.

FORMATO - Qual é o formato que melhor pode ser utilizado para a apresentação de um programa sobre as queimadas? Depois de analisados os diferentes formatos, conclui-se que o melhor, neste caso, é o clássico (apenas um exemplo): podemos entrevistar alguns camponeses e produtores de carvão vegetal; podemos entrevistar técnicos da Direcção Distrital de Agricultura e Desenvolvimento Rural.

ONDE RECOLHER O MATERIAL - A discussão seguinte tem a ver com a questão: onde ir buscar os materiais a utilizar no programa? Em função do conhecimento que temos da comunidade, definimos as áreas prioritárias, aquelas com mais problemas de queimadas e onde vamos encontrar os entrevistados e escolhemos quem serão as pessoas com as quais vamos falar - não nos esqueçamos de prestar especial atenção às fontes femininas. Digamos que dois camponeses e um carvoeiro, mais um técnico da Direcção Distrital de Agricultura e Desenvolvimento Rural, são suficientes para o programa.

DISTRIBUIÇÃO DE TAREFAS - Quem faz o quê no grupo? O Isac Abrão entrevistará o camponês Nsekele no bairro X e o carvoeiro José no bairro Y; a Nesta Henriques entrevistará a camponesa Nhenhezi no bairro Z e o técnico Bernardo, da Direcção Distrital de Agricultura e Desenvolvimento Rural; o André Mitula fará a recolha dos efeitos sonoros (o som de queimadas) e a escolha de uma canção tradicional que fale dos efeitos negativos das queimadas para a nossa comunidade.

MEIOS NECESSÁRIOS - O que é que precisamos para levar a cabo o nosso trabalho? Neste caso, vamos usar um gravador de reportagem, três pilhas e duas cassetes. Precisaremos também de uma bicicleta para fazer as deslocações ao campo. O chefe do grupo fará a requisição desse material ao mobilizador, com a indicação de datas em que tal material será utilizado.



Feita a planificação do trabalho, vamos à rua nas datas marcadas. Falamos com as pessoas, auscultamos as suas opiniões, observamos a realidade no terreno. E depois, no dia antecipadamente programado, juntamo-nos de novo no grupo editorial para apresentar e analisar os materiais recolhidos e preparar o guião do programa.

Vejamos então como será esquematizado o programa. Vamos, pois, ao exemplo de um guião.

PROGRAMA: Vamos Cuidar da Terra, em língua portuguesa

DIA DE TRANSMISSÃO: 10/11/2003, às 06.30 horas

DURAÇÃO: 15 minutos

PRODUÇÃO: Grupo Editorial da Agricultura

APRESENTAÇÃO: Tomé Ernesto e Beatriz José

TÉCNICO: Domingos Pica-Pica

_____XXX_____XXX_____XXX_____XXX_____XXX_____

01- TEC: INDICATIVO DE ABERTURA DO PROGRAMA

02- LOC 1: Amigos ouvintes, queiram receber os nossos cumprimentos nesta manhã que se apresenta com muito sol.

03- LOC 2: Estamos a dar início a mais um programa Vamos Cuidar da Terra, aqui da nossa Rádio Comunitária do Lago.

04- LOC 1: No nosso programa de hoje vamos falar dos efeitos negativos que as queimadas estão a provocar no nosso distrito. Para o efeito, teremos entrevistas que nos foram concedidos por alguns membros da nossa comunidade.



05- TEC: EFEITO SONORO (SOM DE FOGO QUEIMANDO CAPIM SECO)

06- LOC 2: Nos últimos tempos, tem sido cada vez maior a incidência das queimadas no distrito do Lago. Todos os dias vemos nuvens de fumo elevando-se a partir de uma determinada zona. O fogo destrói o capim, acaba com as árvores, deixa alguns animais, como macacos e cobras, sem condições para viverem no seu meio próprio.

07- LOC 1: Para além de destruir a vegetação e o ambiente de vida dos animais, as queimadas também criam condições para a ocorrência da erosão, ou seja, o desgaste do solo. Por exemplo, quando queimamos as plantas que estão à beira do lago, as águas têm tendência de ganhar mais espaço à terra.

08- LOC 2: As queimadas que se verificam no nosso distrito têm diferentes causas. Uma camponesa do bairro Z, a mamã Nhenhezi, de 65 anos de idade, tem a sua opinião sobre as causas das queimadas. Oiçamo-la:

09- TEC: REGISTO MAGNÉTICO EM CASSETE. DESDE "EU PENSO QUE..." ATÉ "...É PRECISO ACABAR COM ISSO"

10- LOC 1 - Como ouvimos, muitos camponeses ateiam o fogo nas suas áreas de cultivo de modo a limparem a terra para fins agrícolas. O fogo destrói os arbustos e estimula o crescimento de novas ervas. Outros fazem queimadas simplesmente para caçar animais de pequeno porte, como é o caso das ratazanas. Mas, como diz a mamã Nhenhezi, as queimadas descontroladas são perigosas e é preciso acabar com esse mal.

11- LOC 2: Se por um lado as queimadas descontroladas constituem um perigo para o meio ambiente, por outro, as queimadas podem ser úteis quando devidamente controladas.

12- LOC 1: O papá Nsekele, de 58 anos de idade, camponês no bairro X, conta a sua experiência de queimadas controladas:

13- TEC: REGISTO MAGNÉTICO EM CASSETE. DESDE "ÁÍ NA NOSSA ZONA..." ATÉ "...ISSO É POSSÍVEL"

15- TEC: EFEITO SONORO CURTO (SOM DE BATUCADAS)

16- LOC 2: Com efeito, embora as queimadas normalmente não sejam aconselháveis, estas podem ser feitas de forma a não provocarem muitos danos à natureza. Uma dessas formas de controlar as queimadas é abrir clareiras para delimitar a zona que se pretende



queimar. Para tal, capina-se um espaço com uma certa largura, como se estivéssemos a abrir um caminho. Assim, o fogo, não encontrando capim, não se vai alastrar para o outro lado.

17- LOC 1: As queimadas controladas podem ser úteis, por exemplo, para proteger o solo de doenças e pragas que afectam as colheitas agrícolas. Servem também para abrir clareiras que permitam a boa circulação de pessoas e animais. É queimando algumas árvores que também obtemos o carvão vegetal de que muito precisamos como combustível para as nossas cozinhas.

18- LOC 2: Oijamos a experiência de trabalho de um carvoeiro aqui do nosso distrito, o papá José, de 61 anos e residente no bairro Y.

13- TEC: REGISTO MAGNÉTICO EM CASSETE. DESDE "NÓS OS CARVOEIROS..." ATÉ "...CONSERVANDO A VEGETAÇÃO"

19- LOC 1: O objectivo é o de diminuir ao máximo os efeitos causados à natureza pelas queimadas. A propósito, vamos escutar uma canção do grupo coral do bairro X que fala do problema das queimadas no nosso distrito.

20- TEC: CANÇÃO EM MINI-DISCO, FAIXA 5

21- LOC 2: A canção que acabamos de ouvir constitui um apelo à comunidade para evitar destruir a terra que nos alimenta. Uma dessas formas de destruição são as queimadas descontroladas.

22- LOC 1: A Direcção Distrital de Agricultura e Desenvolvimento Rural tem estado a promover acções de sensibilização junto das comunidades do nosso distrito no sentido de evitarem as queimadas. O técnico Marques Simão, dessa Direcção, falou à nossa Rádio Comunitária a respeito do trabalho que tem sido desenvolvido pela sua instituição.

23- TEC: REGISTO MAGNÉTICO EM CASSETE. DESDE "O NOSSO TRABALHO..." ATÉ "...SAI A COMUNIDADE A GANHAR"

24- LOC 2: Amigos ouvintes, esta é a realidade do nosso distrito. Precisamos todos de fazer alguma coisa para evitar que a nossa vegetação e as nossas florestas acabem com o fogo.



25- LOC 1: Esperamos que o nosso programa tenha sido útil para percebermos um pouco melhor a problemática das queimadas que afectam o nosso distrito. Este programa foi produzido pelo grupo editorial de agricultura da Rádio Comunitária do Lago e apresentado por Tomé Ernesto e Beatriz José. A todos, desejamos a continuação de um bom dia.

26- TEC: INDICATIVO DE FECHO DO PROGRAMA

NOÇÕES BÁSICAS DE AGRICULTURA

Para os produtores de programas sobre a agricultura nas rádios comunitárias, achamos importante que conheçam alguns aspectos básicos ligados à ciência agrícola e à agricultura no país. As questões que aqui se apresentam podem ser úteis aos programas radiofônicos dirigidos aos camponeses, desde que abordados de forma mais detalhada, porém, com linguagem simplificada (para que a mensagem possa ser facilmente entendida pelos ouvintes) e com recurso a exemplos da própria comunidade. Técnicos locais de agricultura e os próprios camponeses podem dar um valioso contributo ao desenvolvimento destes e doutros assuntos relativos à agricultura.

Moçambique é um país que vive essencialmente da agricultura. Grande parte da sua população é camponesa - cerca de 80 por cento reside em zonas rurais e pratica a agricultura de subsistência.

A produção agrícola constitui a actividade de maior importância para a economia nacional e garantia de segurança alimentar.

As principais culturas alimentares praticadas em Moçambique são o milho, arroz, os vegetais, mandioca, batata doce, amendoim e diversos tipos de feijões. Como principais culturas de rendimento vamos encontrar a copra, caju, chá, cana-de-açúcar, algodão, sisal, citrinos e tabaco.

Antes de desenvolvermos o assunto da actividade agrícola em Moçambique, talvez seja importante começarmos por definir o que é a agricultura.

Com efeito, conforme vamos encontrar nos manuais da especialidade, a agricultura é a ciência que estuda em geral as formas de cultivo no campo; investiga as possibilidades de racionamento e efectividade da utilização da terra, o aumento e preservação da fertilidade do solo, com o objectivo de aumentar o rendimento agrícola.

A agricultura constitui uma actividade que se dedica à produção vegetal e animal.

E o que é que se produz através da agricultura?



Através da agricultura produzem-se os alimentos e as fibras que o ser humano precisa para o seu organismo; produz a forragem para a alimentação dos animais, os combustíveis (álcool de cana, por exemplo) para pôr algumas máquinas em funcionamento, a matéria-prima para a indústria, as drogas, as bebidas (chá e café, por exemplo), plantas medicinais, flores, etc.

SITUAÇÃO AGRÍCOLA DE MOÇAMBIQUE

Moçambique é hoje um dos países mais pobres do Mundo, com cerca de metade da sua população a viver sem meios suficientes para satisfazer as suas necessidades mínimas em calorias e com perto de dois terços da população vivendo na pobreza absoluta.

No entanto, o potencial agrícola do país é enorme, constituído por cerca de 36 milhões de hectares de solos férteis para a agricultura, dos quais apenas cerca de cinco milhões são actualmente cultivados; 46,4 milhões de hectares de formações florestais, dos quais 20 milhões são florestas produtivas. Outros 8,8 milhões de hectares constituem parques e áreas de reservas de fauna bravia. Os recursos hídricos existentes podem potencialmente irrigar cerca de 3,3 milhões de hectares, dos quais somente cerca de 50 mil hectares são irrigados (dados do Instituto Nacional de Estatística, 1994).

Os recursos agrários do país têm sido explorados maioritariamente pelo sector familiar de subsistência, utilizando tecnologia simples, dependente da chuva. Para o efeito, conta-se quase exclusivamente com os recursos terra, floresta e mão-de-obra familiar.

O uso de máquinas e alfaias agrícolas, fertilizantes e pesticidas e sementes melhoradas é insignificante. Como se viu atrás, as culturas dominantes são as alimentares, que incluem cereais, leguminosas de grão, oleaginosas, raízes e tubérculos e a uma escala relativamente menor o algodão, a copra e o caju. O chá e a cana-de-açúcar são explorados quase que exclusivamente pelo sector empresarial.

A produção agrária em Moçambique é constituída estruturalmente pelo sector familiar, que absorve a maior parte da população rural; pelos sectores cooperativo, estatal e privado. Por volta de 1990 iniciou-se também a formação do sector misto, a que em linguagem comercial se chama de *joint venture*.



Actualmente, a produção agrária é levada a cabo principalmente pelos sectores familiar e empresarial. A área empresarial é constituída na maior parte dos casos por empresas mistas e privadas. Já a área estatal está em processo de reestruturação.

O sector familiar utiliza técnicas rudimentares e de baixa produtividade, sendo este sector formado por cerca de três milhões de agricultores familiares que cultivam áreas que usualmente variam entre 0,5 e 1,5 hectares de terra por família.

Neste sector, a magnitude dos excedentes agrícolas comercializáveis depende dos incentivos e do apoio em serviços e inputs dados aos processos de produção e comercialização.

O sector agrícola privado em Moçambique, actualmente em franca expansão, é constituído por pequenas e médias empresas, concentrando a sua actividade na produção de vegetais, frutas e produtos pecuários na periferia dos centros urbanos e também em áreas irrigadas.

Nos últimos anos, devido à seca, o sector de agricultura não tem registado o crescimento desejado em Moçambique.

Com efeito, a seca tem afectado de forma severa as regiões Centro e Sul do país, registando efeitos negativos não só nas bacias hidrográficas, mas também naquilo que é o rendimento e a produção de cada uma das famílias.

No ano 2003, segundo estatísticas, o impacto da seca em Moçambique está a ser avaliado de diferentes maneiras, nomeadamente do ponto de vista de área mais afectada, que é estimada em mais de 243 mil hectares; do ponto de vista de população mais afectada, que é de mais de 600 mil pessoas, e do ponto de vista de quebra de produção (Diário de Moçambique, 20/10/03, pag. 4)

CONHECER O SOLO

"Não basta semear para ter uma boa colheita; conheça bem o solo, respeite-o e não o maltrate com péssimas operações agrícolas" - dizem os técnicos de agricultura.

O solo é definido como sendo a superfície da terra redonda onde habitam os seres vivos, constituída por matéria orgânica e contém a fertilidade. O solo tem como funções fixar as plantas, armazenar água e nutrientes.



Ora, o conhecimento empírico sobre o estudo do solo começou ao mesmo tempo com o da agricultura. A superfície da terra que o homem explorava ficou como o objecto de trabalho e meio de produção há milhões de anos antes de existir o conhecimento científico acerca do solo. Na antiga China, Egipto e Índia sabia-se já que a utilização do estrume, assim como anteceder as plantas leguminosas em relação às outras, aumentava a produção agrícola.

A primeira teoria que tentou explicar o solo veio da antiga Grécia e de Roma através de Aristóteles. Porém, o estudo do solo como ciência desenvolveu-se nos finais do século 18, devido ao aumento das indústrias nas cidades (europeias e americanas). Assim, o estudo do solo tornou-se uma necessidade, uma vez que passou a ser cada vez mais necessária a utilização de produtos agrícolas como matéria-prima para a indústria.

Há diferentes tipos de solos, cada um com as suas características específicas. Eis alguns dos tipos:

Solo argiloso - Tem microporos e estrutura de agregado. A permeabilidade é pouca. Tem pouco arejamento, mas boa retenção de água e de nutrientes e nalguns casos pode fixar fora das raízes. Trata-se de um solo difícil de trabalhar, quando está seco, devido à formação de torrões. Quando está húmido é pegajoso e demora a secar. É mole, aderente, plástico e moldável em qualquer forma.

Solo arenoso - Tem macroporos e não tem estrutura. A permeabilidade é boa e tem pouca retenção de água. Possui bom arejamento, tal como é boa a retenção de nutrientes. Este solo não demora a secar.

Solo limoso - É intermediário entre solo arenoso e argiloso. Depois da chuva forma crosta quando está a secar, o que dificulta a emergência das plantas recentemente semeadas.

Os solos devem ser devidamente conservados. A conservação pressupõe o aumento de rendimentos e garantias de uso do solo de uma forma mais sustentável, resultando daí colheitas igualmente mais sustentáveis.

Para determinar o método de conservação do solo temos que fazer uma pequena classificação da terra em termos de seus problemas e seu uso (o solo será apropriado para a agricultura, para floresta ou para o pasto do gado?).



Qualquer medida de conservação do solo deve ter benefícios a curto prazo mas ter sustentabilidade a longo prazo.

Os solos normalmente beneficiam de trabalhos de preparação. Dependendo do estado do terreno, tal preparação do solo pode começar com um preparo inicial, que consiste no desmatamento e desbravamento da área. O trabalho seguinte, mais específico, é feito através de lavouras e gradagem. Estas operações são realizadas por charruas (de discos ou de aiveca) e grades. As charruas mais utilizadas em Moçambique são as de discos.

Os trabalhos de preparação do solo na agricultura têm os seguintes objectivos:

- n Alteração da estrutura do solo;
- n Alteração do conteúdo do ar;
- n Incorporação de adubo no solo;
- n Controle das ervas daninhas;
- n Controle de pragas e doenças.

AEROSÃO

A palavra erosão corresponde ao desgaste do solo. Se este processo for resultado da acção da água vai ter o nome de erosão hídrica e se for da acção do vento chamar-se-á erosão eólica. A erosão hídrica é mais perigosa porque provoca a perda de terreno, enquanto a erosão originada pelo vento prejudica essencialmente a sementeira.

Muitas zonas de Moçambique, tanto as urbanas como as rurais, sofrem duramente os efeitos da erosão, nalguns casos provocada pelo próprio homem (através do abate de mangais, extracção de areia nas encostas...).

Há vários factores que contribuem para a erosão. Entre estes contam-se os seguintes:

Clima - A chuva torrencial, por exemplo, ocasiona muitos danos no desgaste do solo.

Relevo - A velocidade da erosão depende da inclinação do relevo.

Vegetação - Esta defende a erosão. A cobertura das plantas e ervas daninhas à superfície do solo diminui a intensidade das águas.



Acção do homem sobre a natureza - A acção do homem sobre a natureza inclui as queimadas descontroladas, derrube das árvores, utilização indevida de máquinas de preparação do solo, construções, etc.

Existem medidas que podem ser tomadas contra a erosão. Entre estas, contam-se a construção de valas de drenagem, o plantio de capim, o terraciamento, a lavoura com curvas de nível e a plantação de árvores de grande porte, sobretudo nas encostas (como o eucalipto e o pinheiro).

Há também práticas culturais que permitem a conservação do solo da erosão hídrica - como seja a utilização de culturas múltiplas, a alta densidade de plantio, rotação de culturas e a prática de culturas em faixas.

ADUBOS

Os adubos são substâncias utilizadas para melhorar a nutrição das plantas e aumentar a fertilidade do solo.

No entanto, a utilização abusiva de adubos químicos pode contribuir para tornar os solos pouco produtivos com o andar do tempo.

Os adubos têm a seguinte classificação:

Quanto à produção - podem ser industriais (produzidos na indústria química) ou locais (obtidos com base em excrementos de animais e restos de vegetais).

Quanto à composição química - podem ser minerais (obtidos, industrialmente, através de minerais extraídos do solo) ou orgânicos (cuja composição tem como base os excrementos de animais e restos de vegetais).

Quanto à acção na planta - podem ter actuação directa (quando o abudo é colocado no solo e actua directamente para garantir os nutrientes) ou indirecta (o abudo é posto no solo para mudar as propriedades químicas e físicas deste).

Quanto ao estado físico - podem encontrar-se abubos líquidos ou sólidos.

Na agricultura tradicional moçambicana utilizam-se essencialmente abudos orgânicos: fezes de animais ou plantas que são produzidas e depois enterradas no solo.



OPERAÇÕES DO CICLO DE CULTIVO

A prática da agricultura obedece a vários passos, dos quais se podem destacar os seguintes:

Preparação do solo - Dependendo do estado do terreno, podemos começar com o preparo inicial (desmatamento e desbravamento), seguindo-se depois o preparo periódico (que inclui gradagem e, eventualmente, subsolagem).

Sementeira - Constitui a operação mais delicada, que está sujeita a muitos fracassos. Na maioria dos casos, o fracasso deve-se a uma insuficiente preparação do solo, a uma má época de plantio (tempo excessivamente frio, húmido ou seco), a uma escolha de variedades mal adaptadas, a uma rega mal feita, a uma profundidade exagerada na colocação das sementes, a uma compressão do solo insuficiente ou por vezes à utilização de sementes já caducadas.

Repicagem ou transplante - Consiste em transferir as plântulas para um viveiro de espera ou local definitivo. Garante um melhor futuro à planta.

Desbaste - Consiste em deixar bastante espaço em volta das plântulas, para que estas possam desenvolver-se à vontade.

Densidade e compasso - O compasso utilizado no campo definitivo depende da variedade da planta, tutoramento, podagem, práticas culturais, tipo de colheita ou maquinaria disponível.

Amontoa - Consiste em juntar a terra em redor da base do caule da planta, com o objectivo de controlar infestantes, estimular a formação de raízes adventícias, aumentando a capacidade de absorção de nutrientes.

Retancho - Consiste na reposição de plântulas que não se restabeleceram ou que estão a adaptar-se mal no local definitivo. Deve ser feito uma semana depois da transplantação.

Monda - Consiste em tirar as ervas daninhas. Nas linhas faz-se à mão, nas entrelinhas utiliza-se um instrumento que pode ser uma raspadeira ou um sachó.

Sacha - Consiste apenas no arejamento da superfície do solo.

Tutoramento - Para o caso das variedades indeterminadas, tem sido hábito fazer-se o tutoramento. Exemplo: colocar estacas para manter o tomateiro na posição vertical.



Poda - Consiste em eliminar os ramos velhos e fornecer uma melhor uniformidade de captação da radiação solar.

Rega - Trata-se do fornecimento de água ideal para a cultura ao longo de todo o seu período de crescimento e desenvolvimento. Vários sistemas de rega podem ser usados, dependendo das condições climáticas, financeiras e técnicas.

Adubação - Para completar o seu ciclo de vida, a planta precisa de nutrientes essenciais. Dependendo da cultura, podem ser feitas uma ou duas adubações: uma de fundo, feita normalmente 7 a 15 dias antes da transplantação ou da sementeira directa, e outra de cobertura, na qual a aplicação do abudo é localizada ou dissolvida na água de rega.

Controlo de infestantes - Na altura da sementeira ou da transplantação, o solo deve estar completamente livre de infestantes. No alfobre o controlo é manual, através da monda, e no local definitivo o controlo pode ser manual, mecânico ou químico.

Controlo fito-sanitário - Muitas culturas estão susceptíveis ao ataque de fungos e insectos ou outras pragas. Assim, para que isso não aconteça, deve proceder-se a um tratamento preventivo ou, quando necessário, ao curativo. Em Moçambique, o período de maior incidência de pragas e doenças varia de cultura para cultura.

Colheita - Consoante o objectivo a que se destina a produção, podemos fazer a colheita em diferentes fases de desenvolvimento das culturas.

Seleção - Trata-se do processo que tem por objectivo eliminar todo o produto que apresenta ataques de pragas, doenças e defeitos fisiológicos.

Conservação - Dependendo do destino que se pretende dar à produção, podemos conservar os produtos de diversas formas.

Processamento - Dependendo do objectivo a que se destina a produção, o produto pode ser preparado, embalado ou ensacado e transportado para o local de venda, exportação ou industrialização.



PRINCIPAIS PRAGAS EM MOÇAMBIQUE

As pragas e doenças das culturas agrícolas provocam danos de ordem qualitativa e quantitativa. Por exemplo, os citrinos registam 20 a 50 por cento de perda e no algodão as perdas variam entre 40 a 80 por cento.

As principais pragas em Moçambique são as seguintes:

- n** Térmites
- n** Gafanhotos
- n** Tripes
- n** Percevejos
- n** Afídeos
- n** Jossídeos
- n** Cochonilhas
- n** Coleópteros
- n** Borboletas
- n** Moscas
- n** Formigas
- n** Ácaros

Muitos camponeses por este Moçambique fora ainda não dispõem de métodos eficazes para o combate às pragas. Em consequência disso, são perdidas anualmente grandes quantidades de culturas agrícolas.



PRODUTOS FLORESTAIS

Moçambique dispõe de importantes recursos florestais, alguns dos quais estão até a ser mal explorados.

As florestas são importantes para a subsistência de algumas famílias, para o equilíbrio ambiental, para uso industrial, como fonte de genes, para a recreação dos homens e muito mais.

Eis alguns dos produtos florestais conhecidos e extraídos dos nossos recursos:

Madeireiros - madeira serrada, ripas, parquet, painéis, barrotes, postes, lenha, carvão, estacas, mobiliário, etc.

Não madeireiros - mel, frutos silvestres, forragem para o gado, produtos medicinais, material para a construção, etc.

A desflorestação sem regras que se pratica um pouco por todo o país tem consequências graves para o ambiente em que vivemos. Entre essas consequências negativas contam-se as seguintes:

- n Erosão (hídrica e eólica);
- n Poluição de águas;
- n Instabilidade ecológica e ambiental;
- n Assoreamento dos rios e desestabilização de sistemas aquáticos;
- n Alteração do ciclo de carbono;
- n Redução da variabilidade genética;
- n Agravamento das condições de vida da população rural.

É importante que as comunidades sejam sensibilizadas para a necessidade de procederem ao replantio das espécies florestais destruídas (para a extracção de madeira ou produção de carvão vegetal).



ACTIVIDADE PECUÁRIA

Em geral, quando falamos sobre pecuária, o ênfase é dado aos bovinos, caprinos, ovinos e suínos. Embora as espécies pequenas e aves joguem um papel chave nos sistemas de produção do sector familiar moçambicano, muitas vezes acabam por ser esquecidas.

Existem várias estratégias usadas para a produção animal; alguns criadores têm os seus animais em diferentes currais e outros optam pelo nomadismo (deslocação temporal e espacial com a manada, seguindo a disponibilidade de água e capim).

A contribuição da pecuária na economia nacional foi sempre muito pequena, embora constitua um importante suporte financeiro para as famílias camponesas.

Para além da criação de animais (sobretudo do gado bovino) com o objectivo de se obter a carne, o leite e os adubos, algumas comunidades utilizam o gado bovino como força de trabalho (a chamada tracção animal).

As principais doenças que afectam os animais são as seguintes:

Bovinos e caprinos - anaplasmose (provocada por carraças), babesiose (igualmente provocada por carraças), tripanosomíase (transmitida pela mosca tsé-tsé) e fasciola (contaminação através do consumo de águas sujas).

Suínos - peste suína africana e sarna.

Aves - newcastle.

AS QUEIMADAS

Um dos males que afectam o país e que contribuem para destruir as florestas e provocar a erosão são as queimadas descontroladas.

As principais causas para as queimadas no país são as seguintes:

- n Limpar a terra para fins agrícolas;
- n Controlar arbustos e estimular o crescimento de novas ervas;
- n Caçar pequenos animais, em especial ratazanas;
- n Proteger a colheita seguinte de doenças e pragas;



- n Produção de carvão vegetal;
- n Abrir clareiras em volta de aldeamentos, para a passagem de pessoas e gado, para melhor observação à distância ou para a defesa da área;
- n Superstição;
- n Tradição;
- n Apanhar mel e sura (uma bebida extraída dos coqueiros).

Há algumas formas que podem ser utilizadas para a prevenção das queimadas, como seja a sensibilização das comunidades no sentido de evitarem a prática desse mal (que pode ser feita através do contacto directo com as pessoas ou através de programas na comunicação social) e a fiscalização e tomada de medidas. No entanto, a falta de pessoal preparado nas instituições governamentais de tutela não torna fácil essa tarefa.

As rádios comunitárias podem desempenhar um importante papel de sensibilização das comunidades no sentido de estas evitarem as queimadas.

Se alguma queimada for absolutamente necessária, pode ser feita a demarcação da zona através da abertura de clareiras largas, devidamente capinadas e que não permitam que o fogo se alastre para o outro lado.

A MULHER E A PRODUÇÃO AGRÍCOLA

De acordo com dados do último censo populacional, cerca de 52 por cento da população moçambicana é feminina. Grande parte das mulheres vive nas zonas rurais e tem como principal actividade a prática da agricultura.

O facto de muitas mulheres fazerem trabalhos agrícolas relaciona-se na maior parte das vezes com o seu fraco nível académico, resultado de casamentos prematuros e práticas tradicionais que não permitem que as raparigas entrem para a escola ou continuem a estudar até níveis de ensino mais altos.

Não obstante, existem esforços no sentido de se dar à mulher mais possibilidades de formação e acesso ao emprego.



É preciso referir que os direitos das mulheres e dos homens em relação à terra estão ligados a determinados contextos sócio-políticos, económicos e ecológicos. Os mesmos devem ser analisados numa perspectiva dinâmica, pois variam de acordo com a natureza da terra envolvida e a função que esta ocupa.

Os direitos de propriedade, o regime de comunhão de bens num casamento, os direitos dos cônjuges e as normas reguladoras da administração dos bens se, por um lado, são regidos pela lei estatutária, por outro, também têm uma forte presença do direito costumeiro e da religião.

O DIREITO COSTUMEIRO E A TERRA

O acesso à terra é vital não só pelo seu valor económico, mas, e principalmente, por possibilitar o exercício de outras actividades produtivas e permitir manter a segurança alimentar das famílias. Ainda que seja numa pequena parcela, a posse de terra dá o direito a outras relações de sociabilidade que fornecem uma segurança social no futuro.

A terra é vista normalmente como uma fonte de vida para todos os membros da família.

A lei costumeira em Moçambique realça a posição do homem em matéria relativa à terra, em detrimento da mulher - tal como acontece, aliás, em diferentes outros assuntos. O homem é colocado na posição de controlador deste recurso. O estatuto do homem nesta matéria é reforçado pelo direito moderno, pelo facto de o considerar como cabeça de família. Esta situação coloca muitas famílias cujo chefe seja uma mulher numa posição desigual em relação ao acesso à terra.

No país, o estatuto marginal da mulher em relação à terra tem sido reconhecido ao nível político, daí que a nova Lei de Terras advogue que podem ser sujeitos do direito de uso e aproveitamento de terra homens e mulheres, bem como as comunidades locais.

A referida lei pode contribuir para atenuar a desigualdade e discriminação no acesso à terra e reforçar a lei constitucional que consagra a igualdade entre homens e mulheres em todos os domínios da vida.

O Governo moçambicano ratificou a convenção para a eliminação da discriminação contra a mulher. O artigo 14 dessa convenção internacional reconhece que as mulheres rurais têm problemas distintos e que cada Estado deve tomar medidas necessárias no sentido



de assegurar o seu direito à terra numa base de equidade, assim como o acesso ao crédito agrícola, facilidades de mercados e tecnologias apropriadas.

A declaração (de 1997) da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC) relativa a questões do género também apela para um acesso igual para homens e mulheres aos recursos, incluindo à terra e ao gado.

Um dos aspectos inovadores da Lei de Terras moçambicana consiste na possibilidade de homens e mulheres membros de uma comunidade local poderem solicitar títulos individualizados de uso e aproveitamento de terra. Este dispositivo procura proteger e assegurar direitos sobre as terras que as mulheres cultivam.

No entanto, apesar da legislação existente, ainda se podem encontrar no país alguns focos de conflito de terras.

Tais conflitos têm como causas principais as seguintes:

- n Direitos oficiais através de terras atribuídas pelos serviços governamentais de Geografia e Cadastro;
- n Direitos consuetudinários (de usos e costumes);
- n Atribuição de terras feita por líderes tradicionais;
- n Implantação ocasional.

INFLUÊNCIA DO HIV/SIDA NA AGRICULTURA

O sida é uma doença que está a afectar negativamente todos os sectores da nossa sociedade, incluindo o de agricultura.

No entanto, segundo estudos, o impacto do sida na agricultura varia consoante o sistema agrícola praticado.

Assim, nas zonas tradicionalmente chuvosas, onde se cultiva uma variedade de culturas ao longo do ano, as famílias podem sobreviver relativamente bem com a perda de alguma mão-de-obra. Podem reduzir a área cultivada e também reduzir o número de culturas, mas continuarão a produzir uma quantidade de alimentos suficiente para a sua sobrevivência.



Já nas áreas secas, onde a agricultura depende de uma ou mais culturas que são plantadas e colhidas numa determinada época do ano, o impacto do sida será mais severo. A perda de trabalhadores num período crucial pode ter consequências na redução de colheitas e a situação de segurança alimentar pode ser comprometida.

Um aspecto que tem um impacto na produção agrícola é o tempo que as famílias devem disponibilizar para cuidar dos doentes. A perda de mão-de-obra faz com que os camponeses procurem culturas com trabalhos menos intensivos. Em muitos casos, isto significa, por exemplo, mudar de culturas de exportação para culturas alimentares.

De um modo geral, o impacto do HIV/sida afecta os agregados familiares nas seguintes situações:

- n** Perda de mão-de-obra adulta, levando a um declínio na capacidade produtiva do agregado familiar;
- n** Declínio no rendimento do agregado familiar e perda de bens, poupanças e remessas;
- n** Aumento de gastos no agregado familiar (tratamentos médicos, transporte e alimentação especial para o doente);
- n** Aumento no número de dependentes devido à redução do número de membros produtivos da família.

COMERCIALIZAÇÃO AGRÍCOLA

Trata-se do processo de troca de produtos, através do qual cada um entrega um certo produto em que registou excesso ou equivalente e adquire outros produtos.

Com efeito, a cadeia de distribuição e transformação de produtos vai desde a produção, passando para o processamento, distribuição, armazenamento e comercialização.

Em Moçambique, a comercialização agrícola ainda enfrenta alguns problemas, como sejam:

- n** Condições de produção: muitos são pequenos agricultores, que trabalham dispersos e sem condições para transportar a sua produção para as zonas de comercialização e existência de pequenas quantidades heterogéneas de produtos;



- n Deficiente sistema de transportes e comunicações;
- n Fraca capacidade de manuseamento, empacotamento e processamento;
- n Dificuldades para o armazenamento dos produtos;
- n Rede de distribuição deficiente;
- n Formação de preços;
- n Condições do mercado;
- n Políticas do mercado e comercialização agrária;
- n Falta de financiamentos para o processo de comercialização;
- n Pouca informação e publicidade.

A comercialização é feita de várias formas: através de vendas a dinheiro no mercado, através de vendas a crédito e de contratos ou através da bolsa de valores e mercados de futuro.

No âmbito da comercialização de produtos agrícolas, muitos camponeses fazem as suas vendas a preços baixos, para além de registarem falta de actualização da época de venda dos seus produtos, o que origina a crise alimentar.

Para tal, de modo a fornecer informação sobre preços de mercados, oportunidades de comercialização e outros dados relevantes ao funcionamento do mercado, existe no país um sistema de informação de mercados.

Para que todas as comunidades tenham acesso a essa informação, as rádios, em especial as comunitárias, são chamadas a desempenhar um importante papel de divulgação.



ANEXO 1

EXEMPLO DE UM GUIÃO

PROGRAMA: **A Saúde Vem da Terra, em língua portuguesa**

DIA DE TRANSMISSÃO: **21/12/2003, às 13.30 horas**

DURAÇÃO: **15 minutos**

PRODUÇÃO: **Grupo Editorial da Agricultura**

APRESENTAÇÃO: **Remo Matula e Manuela Sombwa**

PERSONAGENS: **Fernando (agricultor, de 30 anos de idade), Virgínia (agricultora, esposa de Fernando, de mais ou menos 20 anos) e Nguenha (comerciante, de 40 anos)**

TÉCNICO: **Fernando Paulino**

_____XXX_____XXX_____XXX_____XXX_____XXX_____

01- TEC: INDICATIVO DE ABERTURA DO PROGRAMA

02- LOC 1: Ouvintes, as nossas saudações. Ter informação do mercado é um desafio constante para o agricultor. Mas os agricultores precisam de informação acerca dos preços do mercado para que possam decidir que culturas desenvolver, onde e quando vendê-las aos melhores preços. O programa de hoje é o primeiro de uma série de cinco, denominada "De Mercado, Para Mercado - Episódio 1". Este programa que vão ouvir dentro de instantes explora as diferentes formas através das quais os agricultores podem obter informação sobre os preços para os seus produtos antes deles os venderem. Vão conhecer os agricultores Fernando e Virgínia, uma equipa constituída por marido e mulher que



aprenderam que precisavam de informação de confiança, actualizada, para que eles estivessem em condições de decidir acerca da comercialização dos seus produtos.

03- TEC: EFEITO (SOM DA CAMPAÍHA DA BICICLETA A TOCAR, MISTURADO COM VOZES DE HOMENS A DISCUTIREM)

04- LOC 2: (zangado) Sr. Nguenha, eu não sei como podemos continuar a sobreviver com estes preços que o senhor nos paga pelo nosso milho.

05- LOC 3: (chateado) Olha lá, Fernando, não é minha culpa que os preços sejam tão baixos.

06- LOC 2: Mas eu confio em si para me dar um bom preço. Eu não tenho tempo para ir ao mercado! Preciso de saber que você me dá o melhor preço pelo meu milho.

07- LOC 3: Eu lhe garanto que lhe cobro um preço justo. Você tem sorte de eu estar aqui a comprar o seu produto.

08- LOC 2: (chateado) Não acho que tenha sorte. Vou ver se penso em alguma coisa lá dentro de casa. Bom dia!

09- TEC: EFEITO (SONS DE PASSOS, PORTA A BATER)

10- LOC 4: Fernando, meu querido marido, está tudo bem? Eu ouvi-te a discutir com o comerciante outra vez.

11- LOC 2: Virgínia, estou tão zangado! Nguenha diz que o preço do milho baixou outra vez. Nós ganhamos menos dinheiro dele todo o ano. Podemos não ser capazes de pagar as propinas escolares para as crianças este ano.

12- LOC 4: (preocupada) Oh, não Fernando! Temos de mandar as crianças à escola. Tens a certeza de que o comerciante te está a dizer a verdade?

13- LOC 2: Não sei. Eu confiava nele. Mas agora eu penso que talvez ele esteja a ficar agarrado e a ficar com mais dinheiro.

14- LOC 4: Temos de descobrir se é verdade o que ele falou. A única solução é de descobrir por nós mesmos qual é o preço que os comerciantes estão a pagar pelo milho no mercado neste momento.

15- LOC 2: Sim, mas agora?



16- LOC 4: Eu sei que existe alguma coisa como Serviço de Informação de Mercado. É um serviço do Governo. O nosso vizinho Cossa falou-me disso.

17- LOC 2: Que é que Cossa diz?

18- LOC 4: Ele disse que o Serviço de Informação de Mercado dá aos agricultores os preços dos produtos de alguns dos mercados - os mercados dos comerciantes e os mercados da cidade. De alguma forma temos de obter essa informação.

19- LOC 2: Mas como? (rindo) Tenho a certeza de que o Governo não vai enviar alguém todo o caminho até à nossa machamba para nos bater à porta e prestar-nos informação pessoalmente.

20- LOC 4: Agora estás a rir de mim só porque eu mantenho os meus ouvidos abertos e lembro-me da informação que pode ser útil nos nossos negócios com o comerciante.

21- LOC 2: Sim, eu acho-te engraçada porque estás a falar tão séria. Realmente, estou muito feliz por ter uma esposa esperta como tu. Mas, ainda assim, não tenho a certeza de como conseguirmos aqueles preços do mercado.

22- LOC 4: Talvez haja mais do que uma forma de conseguir os preços de venda. Podemos perguntar outros comerciantes acerca dos preços do mercado. Também podemos falar com os nossos vizinhos acerca dos preços que eles conseguem. Talvez pudesses falar com o Sr. Chilaúle. Ele tem a mesma cultura que nós.

23- LOC 2: Não sei. Lembras-te que Chilaúle gosta de se exhibir. Ele está prestes a alcançar a verdade e dizer-te que tem o preço mais alto do que na realidade tem. Mas vamos falar com o nosso vizinho Cossa. Nós sabemos que ele é honesto.

24- LOC 4: Está bem. Tu falas com o Cossa e eu vou tentar saber mais sobre o Serviço de Informação do Governo para os agricultores. Talvez se conseguirmos os preços correctos, ainda podemos ganhar lucros e pagar a educação das crianças!

25- TEC: MÚSICA TRADICIONAL

26- LOC 2: (zangado) Sr. Nguenha, falei com o meu vizinho que esteve no mercado ontem. Ele disse que deram aos comerciantes preços mais altos pelo milho do que o Sr. me pagou. E ontem nós ouvimos sobre os preços do mercado pela rádio. Os preços foram exactamente os que eles disseram. Foi a última vez que você tirou vantagens de nós.



27- LOC 3: (preocupado) Eu garanto-te que te dei o melhor preço possível. Você não pode esperar que eu lhe pague o que eles pagaram no mercado. Eu tenho de transportar o milho, e isso custa dinheiro, sabe.

28- LOC 2: Nguenha, tomámos uma decisão. Vamos encontrar outro comprador para os nossos produtos. Esta é a minha mulher, Virgínia. Eu e ela temos a certeza que vamos ter informação actualizada de pessoas de confiança antes de vendermos os nossos produtos. Adeus!

29- TÉC: EFEITO (SOM DE PASSOS EM RETIRADA)

30- LOC 3: (gritando) Vocês não me podem fazer isso a mim, Fernando! Eu tenho muitas bocas para alimentar!

31- LOC 2: Não mais do que eu. É estranho que você diga isso enganando-nos, você nos fez um favor. Levou-nos a saber que temos de controlar os nossos pequenos negócios e de nos mantermos informados sobre os preços do mercado para os nossos produtos.

32- TÉC: MÚSICA TRADICIONAL

33- LOC 1: Esteve a ouvir o programa "A Saúde Vem da Terra", que hoje foi dedicado ao assunto "De Mercado para Mercado".

Como sua história mostra, existem diversas fontes de informação de mercado disponíveis para os agricultores. Usando as diferentes fontes de informação acerca de preços permitirá ao Fernando e à Virgínia tomar melhores decisões na comercialização dos seus produtos. Sintonize-nos no próximo programa quando o Fernando viajar aos mercados dos comerciantes para ver se pode conseguir melhores preços para o seu milho.

Foram personagens e intérpretes:

FERNANDO.....Rodrigues Jemusse

NGUENHA.....João Estruque

VIRGÍNIA.....Aduzinda Fabuário

34- TÉC: INDICATIVO DE FECHO



ANEXO 2

GUIA PARA MOBILIZADORES

Este manual pode ser usado preferencialmente pelos mobilizadores das rádios comunitárias como uma fonte de apoio à formação no local de trabalho dos voluntários membros do grupo editorial de agricultura.

Os mobilizadores podem estabelecer encontros semanais com os voluntários do grupo, de preferência com duração não superior a uma hora, para em conjunto estudarem o manual.

Na semana 1, pode ser abordada a questão relativa ao conceito das rádios comunitárias. Deve-se recordar aos voluntários a importância do meio de comunicação que têm ao seu dispor e da sua ligação com a comunidade.

Na semana 2, pode introduzir-se a questão relativa ao conceito e funcionamento dos grupos editoriais. O mobilizador pode abordar o assunto e a seguir debater com os voluntários, os quais deverão ficar claros sobre o esquema de funcionamento dos grupos editoriais.

Na semana 3, o mobilizador pode falar com os voluntários sobre os diferentes produtos dos grupos editoriais: a produção de programas, a participação nos blocos noticiosos da rádio e a promoção de actividades diversas junto das comunidades. Aqui, será importante ouvir propostas dos voluntários quanto ao tipo de acções a realizar ao vivo, conforme as condições localmente disponíveis.

A semana 4 pode ser dedicada ao trabalho editorial em si do grupo. O mobilizador vai falar com os voluntários sobre o perfil do programa de agricultura da rádio e como trabalhar no sentido de garantir que esse perfil será mantido.

Das semanas 5 a 14 pode ser abordada a questão dos diferentes passos para a produção de programas. O mobilizador pode debater com os voluntários mais detalhadamente assuntos como a transformação em programas radiofónicos de realizações, problemas e êxitos das comunidades (uma sessão); a planificação de um programa (uma sessão), a recolha de materiais (duas sessões), a própria produção de um programa, incluindo a



utilização de diferentes formatos e de efeitos sonoros (cinco sessões, de preferência, incluindo muitos exemplos práticos) e a análise pós-emissão (uma sessão).

A par disso, o mobilizador pode programar sessões colectivas com todos os grupos editoriais (em algumas rádios tais encontros realizam-se normalmente aos sábados) para o estudo do manual "O meu primeiro passo na produção de programas nas rádios comunitárias", incluindo a promoção de debates sobre a legislação para a imprensa em vigor no país e questões de ética e deontologia.

Sessões sobre como utilizar da melhor maneira um gravador de reportagem e o estúdio de gravação são igualmente úteis, com o envolvimento do técnico da rádio.

Para o grupo editorial de agricultura, o mobilizador pode igualmente organizar sessões com o envolvimento de técnicos agrários, agricultores, criadores de gado e operadores florestais (familiares e empresariais), em que se possa analisar a situação real da comunidade nesse sector e identificar áreas em que se apresenta mais necessária a intervenção da rádio comunitária.

Em qualquer das sessões, o recurso a exemplos concretos, da realidade local (da rádio em si e da comunidade em geral) apresenta-se como sendo de grande utilidade ao processo de formação do pessoal (facilita a assimilação da matéria abordada).

O mobilizador pode inclusivamente planificar um programa de agricultura em conjunto com os voluntários e, juntos, darem os passos seguintes - da recolha dos materiais até à edição do próprio programa e avaliação pós-emissão.

Em todos os casos, é preciso salientar a importância do trabalho de grupo e do envolvimento das diferentes comunidades na produção dos programas radiofónicos.



